

ALMEIDA GARRETT

Todo aquelle que pela sua influencia immediata conseguiu modificar no sentido progressivo as fórmas da *actividade*, da *affectividade* ou da *intellectualidade* humana, embora circumscripto a um determinado meio social, esse merece a classificação devida aos grandes homens. Almeida Garrett, vivendo em uma terrivel época de transição do Regimen absoluto para o das Cartas constitucionaes em que os principios de organização catholico-feudal foram substituidos pelos argumentos dos ideologos, que pelas ficções do parlamentarismo tentaram conciliar o passado com a Revolução, esse espirito envolvido como todos os outros seus contemporaneos na anarchia das idéas, dos interesses e da politica, concentrou toda a sua vida moral no sentimento: modificou-se na idealisação artistica, e achou-se pelas creações da poesia exercendo uma acção positiva na transformação da sociedade portugueza na primeira metade do seculo XIX. É este o seu titulo á veneração.

Emquanto as novas instituições politicas se tornavam uma pedantocracia incoherente, sujeita a successivos e continuos abalos, em que os caracteres se dissolviam pela degradação ou pela impotencia moral, e em que o passado reaparecia ora na fórma affrontosa do poder pessoal, ora na tentativa de retrogradação clerical, Garrett sentiu que no meio d'esse vórtice que decepava todas as energias, que devorava as mais preponderantes individualidades, a unica força que o salvaguardava era a do sentimento nacional, a que procurou dar expressão e universalidade na litteratura. Todos

os corypheus do constitucionalismo em Portugal succumbiram exhaustos ou desalentados, como Mousinho da Silveira, como Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Passos Manoel, Alexandre Herculano; a obra dos politicos foi falsificada pelas camarilhas, e á falta de uma idéa que dêsse ascendente moral aos homens como base da auctoridade, esta impôz-se pela força bruta dos espadões ou das intervenções armadas do estrangeiro pedidas pela dynastia.

Garrett, exercendo durante este longo periodo de agitação sem plano uma serena actividade artistica, supriu pelas creações ideaes a falta de principios na sociedade portugueza; os themes tradicionais que elle soube escolher com tanta oportunidade na evolução historica da nacionalidade foram um estímulo sympathico de convergencia para todos aquelles a quem as paixões politicas e as luctas de interesses desvairavam. É por isso que á medida que o tempo decorre sobre esta grande vida, o homem que soffreu os desastres da politica, as emigrações forçadas, os carcereiros, os assédios, e posteriormente as honras, os altos cargos officiaes e o prestigio do poder ministerial, de tudo isso que se esvae diante de uma cova ficou apenas o artista, que exerceu uma acção de concordia, e cuja influencia persistirá por muito tempo.

Ligado ás tempestades sociaes de meio seculo, ora abatido, ora alevantado por ellas, Garrett nunca pôde esquecer o homem de letras; por esta coherencia da sua vida affectiva é que elle possuiu o dom de dar vida ao sentimento nacional, de lhe dar convergencia, e de crear a fórmula nova de uma Litteratura em um povo quasi que posto fóra da corrente da civilisação. Glorificando o grande artista, seguimos o pensamento de Comte, que em um tempo em que não existem ainda verdadeiros principios, todas as individualidades que exercem um poder de qualquer ordem, sobretudo o ascendente moral, devem ser acatadas como condição do advento evolutivo de uma nova synthese social. Garrett teve a intuição d'este principio quando elle proprio cultivava a sua reputação litteraria, chamando para a pessoa os encomios que tinham de reflectir na sua obra. Este pequeno defeito revela-nos que tendo a plena consciencia do pensamento que proseguia, não tinha comtudo a certeza da efficacia do trabalho que dependia das emoções dos outros.

Todos os dados biographicos de Garrett, todas as datas memoriaes da sua vida não são mais do que o commentario luminoso da sua actividade litteraria. Nenhum livro seu, poema, drama ou romance poderá ser bem comprehendido sem a correlação do meio historico, politico e moral, quer da situação geral europeia, quer da sociedade portugueza onde elle foi o iniciador das fórmulas do sentimento moderno.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, nasceu no Porto, a 4 de fevereiro de 1799, sendo seus paes Antonio Bernardo da Silva d'Almeida Garrett, e Dona Anna Augusta Leitão. A familia de seu pae era oriunda dos Açores (ilha do Fayal) e nos Açores passou Garrett uma parte da mocidade junto de seus tios, D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, bispo de Angra, Manoel Ignacio e Ignacio da Silva, um arcediogo e o outro conego da referida sé. Estas particularidades explicam-nos as primeiras tendencias da sua educação domestica, sendo levado a prégar sermões, e a imitar os modélos classicos das litteraturas antigas através dos productos acañhados do pseudo-classicismo francez do seculo XVIII. De toda essa influencia domestica apenas ficou no seu espirito a preocupação nobiliarchica, mau grado -os cargos burguezes de sellador-mór da alfandega do Porto e de deputado da Junta da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, que usufruíam seu pae e seu avô materno. Na educação domestica soffreu Garrett fortes dôses de latim e grego, desviando-se do sentimento poetico pela adhesão ao pedantismo arcádico; no catalogo dos seus autographos, acham-se indicados como de 1814 — *Apontamentos de estudo, leitura de classicos portuguezes, colleções de phrases e palavras peculiares da nossa lingua*; de 1814 a 1823, *Odes*; de 1814 a 1815, o começo de um poema — *Affonsaida, ou Fundação do Imperio lusitano*, e um outro poema do *Roubo das Sabinas*. Era um talento perdido, asphyxiado pelo seu meio, da mesma fórma que Bocage; elle mesmo sentia-se um árcade, e no primeiro esboço do poema didactico *O Retrato de Venus*, appellidava-se com o nome pastoril de *Jonio Duriense*.

Quando Garrett foi mandado para Coimbra, (1814-1821) deuse uma primeira crise no seu espirito, esvaecendo-se durante dous annos todo o prurido litterario. A Universidade de Coimbra era o fôco do auctoritarismo medieval; entre os estudantes reinava a forte corrente do jacobinismo, da tradição revolucionaria de 93, e Garrett achou-se inconscientemente em conflicto com os lentes passando-se da faculdade de mathematica para a de direito.

Portugal estava na mais degradante e calamitosa situação politica, entregue pela nefasta dynastia bragantina ao protectorado inglez sob a espada de Beresford, pagando uma contribuição mensal á sua colonia do Brazil, para sustentar a existencia descuidada de D. João VI, que só se fazia lembrar por decretos á Regencia pedindo mais dinheiro. Como era preciso sustentar a ordem material na officialidade descontente por andar com o estipendio em atrazo, e como em Portugal só existia um homem com capacidade e perstigio para libertar-nos do jugo ignominioso da dictadura ingleza de Beresford, appareceu *ad hoc* um traidor chamado José de Andrade Corvo, que denunciou em 1817 uma phantastica revolução, sendo

iniquamente e sem provas enforcado o general Gomes Freire, e outras sete victimas no campo de Sant'Anna, em 18 de outubro d'esse mesmo anno. Estas execuções longe de quebrantarem o espirito portuguez, foram o estimulo que levantou às consciencias para a revolução liberal de 1820, como mais tarde as forcas miguelinas da Praça Nova em 1829 foram o vinculo de unificação moral para a emigração e para as luctas dos cércos da Terceira e do Porto. Garrett achava-se em Coimbra em 1817, e em um eloquente soneto ao assassinato legal execrando de Gomes Freire, vaticinou a proxima lucta e o triumpho da liberdade. A indignação acordou-lhe o sentimento poetico para o protesto; a repressão absolutista levou-o para a corrente jacobina propagada entre a mocidade academica por meio das tragedias philosophicas de Voltaire, e por essa adhesão às doutrinas do negativismo dos Encyclopedistas. É de 1819 o primeiro esboço da tragedia *Méropé*; em 1820 trabalhava em um *Edipo em Colona*, e pelos acontecimentos de 24 de setembro d'esse anno, foi levado á concepção da sua tragedia, ligada às subseqüentes agitações politicas, o *Catóo*.

O Bispo-Conde-Reitor-Reformador Dom Francisco de Lemos, com o seu faro inquisitorial sentia que os theatros particulares dos estudantes eram um fóco de liberalismo, e mandou fechal-os. Garrett aproveitou esta repressão para aperfeiçoar as suas tragedias na forma poetica, adquirindo o tino delicado com que se julgava a si proprio, escapando á empolada rhetorica que dominou em todo esse periodo até á inauguração do Romantismo.

As obras em que então trabalhava, como o *Retrato de Venus*, em 1821, e o poema heroi-comico *O X ou a Incognita*, que ficou em esboço inedito, e uma traducção de Catullo, indicam-nos que obedecia á influencia franceza de Boileau, Delille, de Voltaire e Crebillon, n'esse incoherente amalgama de idéas que caracteriza a actividade negativa do seculo XVIII. Porque, n'este pseudo-classicismo francez ha uma dupla corrente: a que vem da época de Luiz XIV, auctoritaria, official e pedante, representada em Racine, e a que dissolve pela critica a auctoridade religiosa e cesarista, em Voltaire, Rousseau, Diderot, ou propriamente os Encyclopedistas. Foi esta ultima corrente a que reflectiu na Allemanha iniciando alli o Romantismo, movimento litterario, artistico e politico que se propagou depois para o occidente com um caracter germanico, quando elle nascera logicamente francez; um facto analogo se deu na Edda media com a architectura chamada gothica, quando os technicos contemporaneos lhe chamavam *Ars francigena*. A França do seculo XVIII inicia na Allemanha o Romantismo, e Wieland germanisa Voltaire, Lessing continúa Diderot, e Herder inspira-se de Rousseau. A reacção contra o espirito revolucionario afastou as intelligencias

da participação das doutrinas da Encyclopedia, e por isso a regressão ao natural, que foi a primeira phase romantica, ficou desconhecida; quando o elemento tradicional serviu de expressão ao sentimento de nacionalidade na litteratura, a reacção catholico-monarchica achou-se servida pela idealisação da Edade media, e o Romantismo implantado da Allemanha recebeu um caracter religioso, como se observa em Chateaubriand e Lamartine, e ao qual Gervinus chama *emanuelico*. Em Portugal, apesar da generosa revolução liberal de 1820, reinava o obscurantismo religioso e exercia a censura prévia o terrivel *Padre Lagosta*, nome vulgar do atrabiliario José Agostinho de Macedo, que envolveu Garrett em uma perseguição politica. Garrett foi chamado aos tribunaes para responder como réo por haver escripto o ingenuo poema do *Retrato de Venus*, defendendo-se em audiencia de jurados em outubro de 1822; o seu poema fôra sequestrado e o titulo inscripto na lista dos livros prohibidos pelo patriarcha de Lisboa. Depois do regresso de D. João vi do Brazil, assim que se apanhou de dentro, jurando a Constituição de 1822, tratou de escrever a seu filho D. Pedro, para que se levantasse com o Brazil guardando-o para si, e logo em 1823, acompanhando a violação da Hespanha pela Santa Alliança, serviu-se da petulancia de outro seu filho, D. Miguel, para fugir para Villa Franca, rasgar a Constituição e proclamar os inaufereveis direitos do absolutismo bragantino. O joven Garrett, já conhecido pelo seu liberalismo da tragedia *Catão*, achou-se envolvido na perseguição politica do absolutismo restaurado, e em julho de 1823, oito mezes depois do seu casamento, refugiou-se em França, conferindo-lhe a Intendencia geral de policia as honras de homem perigoso e confirmando-lhe o desterro. D'aqui data a crise decisiva do genio de Garrett; o homem frivolo do *Lyceu das Damás*, o traductor de Tibullo, o imitador dos tragicos francezes, sacode de si a crusta rhetorica das Arcadias, e acha na desolação do desterro a nota sentida e patriotica do poema *Camões*; em 1824, começa a sua collecção do *Cancioneiro de Romances, Xácaras, Soldos e outros vestigios da antiga poesia nacional*, e depois de ter imitado esses themas populares nos seus poemetos da *Adozinda*, do *Chapim de El-rei* e da *Miragaia*, desenvolve uma tradição da historia nacional na *Dona Branca*, em 1826. O poeta tinha achado a sua senda de gloria n'essa via dolorosa. Em uma nota conservada no autographo do *Camões*, lê-se: « Comecei este poema em 13 de maio de 1824; por occupar e distrahir o atribulado espirito, que em tanto desterro e solidão, e com tão afadigada vida, não sei eu como ainda são o conservo. » Garrett declara n'essa nota, que em parte se tornou prologo do seu poema, que não seguiu as regras de Horacio nem de Aristoteles: « mas fui insensivelmente depoz o coração e os

sentimentos da natureza. » Antes de comprehender a transformação do Romantismo, o seu desterro e as desgraças politicas da patria levaram-no a achar essa phase do sentimento natural, que fizeram de Diderot um proto-romantico; é por isso que Garrett, que veiu na *Dona Branca* a idealisar a Edade media, ainda no *Camões* declara: « Não sou classico nem romantico, não tenho seita nem partido em poesia. » A desolada esposa que deixara em Portugal requereu em 1825 para que fosse permitido a Garrett voltar ao seu paiz; só em 24 de maio de 1826 é que lhe deferiram o requerimento com restricções. N'isto morreu Dom João VI, e seu filho Dom Pedro, vendo mal parado o seu imperio do Brazil, apressou-se a mandar de lá uma Constituição, que esteve na algibeira de lord Stuart, até ao momento inesperado em que Saldanha no Porto provocou a sua proclamação. Os perseguidos de 1823 acceitaram com fé a Carta outorgada de 1826, sem verem que era o mesmo despotismo bragantino mascarado com um simulacro de liberalismo. A regencia do reino na menoridade da menina Maria da Gloria foi confiada a Dom Miguel em 3 de julho de 1827; pouco depois é Garrett encarcerado por causa de liberdade de imprensa, e com a chegada de Dom Miguel de Vienna de Austria, em 22 de fevereiro de 1828, desencadeiam-se as furias absolutistas, *trabalha o cacete*, enchem-se as prisões, levantam-se as alçadas summarias, as forcas immolam os mais pacificos e prestantes cidadãos, e é n'esta vertigem de canibalismo que a segunda emigração se estabelece em 1829. Garrett fugira para Inglaterra, onde soffreu os apertos da indigencia; alli começou em 1828 a colleccionação dos seus versos sob o titulo de *Lyrical de João Mínimo*, e os emigrados portuguezes, em 1829, representavam em Plymouth a sua tragedia *Catão* para distrahirem-se; n'essa recita se achavam Alexandre Herculano, José Estevão, os dous Passos, e todos esses que vieram a ser heroes e altos funcionarios do constitucionalismo. Foi n'esta segunda emigração que Garrett conheceu mais intimamente as creações fundamentaes do Romantismo, e que observou que estava tudo por fazer em Portugal. A iniciativa da renovação litteraria achou-se ligada á adhesão á causa do liberalismo; o Romantismo apparecia simultaneamente catholico-medieval, patriótico liberal, ou sceptico, e isto fazia com que não comprehendessem essa crise litteraria e artistica a que se obedecia por instincto, á falta de principios. Tinha-se-lhe achado um nome; Schiller e Goethe denominaram-na o *Romantismo*. Do valor historico d'esta palavra diz Charrière: « Foi com acerto que os criticos da Allemanha deram o nome de Romantismo ao movimento litterario do nosso tempo, que tentou voltar á realidade occidental, remontando á época em que ella se reproduzia instinctivamente sob a dupla influencia romani-

ca e germanica, que ainda se não tinha imaginado de achar hostil e antipathica. » ¹ O que é propriamente a realidade occidental, se não o *romantismo*, esse poder de disciplina que deu á Germania o monotheismo e a organização imperial, um direito escripto, a architectura, a estabilidade burgueza, e as universidades de estudo ? As invasões germanicas perturbaram profundamente a civilização occidental em quanto se não adaptaram a ella, transmittindo-lhe um pouco da força da sua espontaneidade primitiva. Aproveitando essa credulidade barbara, o catholicismo renegou as tradições do hellenismo e da cultura romana, e foi n'essa scisão com o passado mais glorioso da humanidade, e entregues ao predomínio da direcção moral da Igreja, que se propagaram as lendas, os contos e os dialectos populares, que se tornaram lentamente linguas escriptas, epopéas, chronicas e nacionalidades independentes. Quando ao fim de uma marcha retardada de dez seculos, a civilização occidental veiu a achar as suas origens, descobrindo os monumentos da cultura greco-romana, considerou-se esse facto como um renascimento da sociedade, e a era moderna da historia partindo de um facto tão capital, chamou a essa época a Renascença. Emquanto a intelligencia proseguia na posse de si mesmo, primeiro na phase *philologica* da Renascença, depois na *critica religiosa*, successivamente na actividade *artistica*, e por fim na criação de novas *sciencias* e de uma outra *synthese philosophica*, comprehende-se que a Edade media fosse gradualmente esquecida, desprezada, e por ultimo esquecida, como um vacuo negro na historia, quando ella tinha sido o periodo fecundo da elaboração de todos os germens que vieram a constituir a civilização moderna. Mas por seu turno, a antiguidade classica e a época medieval foram repellidas pelo espirito critico do seculo XVIII, como Comte caracteriza o negativismo da geração philosophica da Encyclopedia; procurava-se a emancipação da consciencia e a reorganização da sociedade quebrando a solidariedade com o passado, negando-o, desconhecendo-o. N'este seu instincto de critica dissolvente os litteratos do seculo XVIII acharam-se continuando nos seus escriptos a missão social dos juriconsultos da Edade media; aquelles fundaram a liberdade politica nos seus discursos, tragedias, romances, contos e polemicas, como estes por meio das suas allegações estabeleceram o fóro civil acima de todos os privilegios feudaes. Quando os povos modernos se sentiram attrahidos para os principios democraticos de 89, e se elaborava a transição politica das Cartas constitucionaes, chamava-se a

¹ *La Politique de l'Histoire*, t. II, p. 569.

esse espirito as *idéas francezas*, e os livros do negativismo philosophico eram lidos e reproduzidos nas outras litteraturas. Tal é a phase moral representada pelo *Catão* de Garrett. Quando porém a Edade media começou a ser conhecida, sobretudo pela universalidade dos romances historicos de Walter Scott, as tradições tão pittorescas d'essa época fecunda tomaram em todos os povos o character nacional; o *Romantismo*, significando uma renascença da Edade media, teve a importancia profunda de restabelecer a solidariedade do passado d'onde provimos, da mesma fôrma que o Positivismo, succedendo ao negativismo encyclopedico, relacionando a civilização greco-romana com a verdadeira theoria historica da Edade media, pôde deduzir os elementos estaticos para a criação da Sciencia da Sociologia, em que os phenomenos de ordem ou conservação, e os de progressos, ou de revolução, se conciliam pela sua mutua dependencia. O Romantismo entrou immediatamente em uma phase scientifica, como se comprova pelos trabalhos de Raynouard e Diez sobre os Trovadores e as linguas romanicas, de Jacob Grimm, Becker e Paulin Paris sobre as epopéas gallo-frankas, de Didrou e Viollet le Duc sobre arte, de Michelet, Sismondí, Thierry e Guizot sobre a historia e as constituições sociaes. Herculano, que tambem soffrera a emigração, acompanhou esta phase critica do Romantismo, na sua renovação dos estudos historicos em Portugal, e desejava ser ao lado de Garrett, o que Herder era para Goethe, e Thierry para Victor Hugo.

A parte mais difficil da vida de Garrett estava por passar; elle acompanhou a expedição dos emigrados liberaes de Bellisle, em 1832, para a ilha Terceira, e d'ahi para o Porto, onde se achou no terrivel cêrco, trabalhando como soldado do batalhão academico e como jurisconsulto na reorganisação das instituições portuguezas, como vogal da commissão encarregada da redacção dos codigos commercial e criminal, em 1832, e da reforma de instrucção publica, em 1833. Durante esse apertado cêrco, debaixo das bombas miguelistas, no meio dos transe da fome e da cholera-morbus, Garrett, o *Leitãozinho* dos seus contemporaneos da Universidade, não mentia á sua vocação de artista, e traçava o primeiro volume d'esse bello romance historico *O Arco de Sant'Anna*, baseado sobre uma lenda local: O espirito de independencia do antigo burgo do Porto, que reagia contra o seu bispo, era-lhe revelado pelo fervor da lucta concentrado em um cêrco na mesma cidade, que dava o seu apoio á reivindicção das garantias politicas da nação contra o despotismo monarchico. *O Arco de Sant'Anna* é de 1832, do anno em que o cêrco estava longe do triumpho; a linguagem encerra toda a graça e ingenuidade popular, é conversada, digressiva, incidental, viva, como até então não se usava escrever. Revelava o

poderoso escriptor dramatico, que planeava na sua mente a restauração do Theatro portuguez. Além da these politica, este romance historico serviu a causa da secularisação que veiu a ser decretada pelo egregio ministro Joaquim Antonio de Aguiar. Pelo seu lado Herculano não teve a intelligencia da missão artistica quando poz a sua prosa sentimental ao serviço da idealisação das ordens monachaes; partindo do romantismo emanuelico, immergia-se na admiração da Edade media, na sua parte contemplativa o ascetismo do claustro. Terminado o cerco em 1834, começou a divisão da partilha, em vez de chamarem a nação para uma constituinte. Todo esse periodo de catastrophes foi julgado como uma restauração da Carta outorgada em 1826, e em beneficio de D. Maria da Gloria. Este egoismo dynastico foi causa da revolução de Setembro de 1836, e de todos os movimentos que se lhe seguiram, até que a rainha chamou a Portugal uma intervenção armada do estrangeiro. Garrett fôra nomeado embaixador para Bruxellas e de lá regressou por occasião da revolução de Setembro. Triumphara o principio da soberania nacional, e fôra posta em vigor a Constituição de 1822; Garrett, patricio, condiscipulo e amigo de Manoel da Silva Passos, o convicto dictador que salvou por generosidade o throno a D. Maria II, aproveitou-se do governo d'este reformador eminente para a fundação de um Conservatorio da Arte dramatica, e de um Theatro nacional. Ao passo que o poeta trabalhava na redacção da Constituição de 1838, com José Lopes Monteiro, José Liberato Freire de Carvalho, Leonel Tavares Cabral e José da Silva Passos, escrevia de 11 de junho a 10 de julho d'esse mesmo anno o bello drama *Um Auto de Gil Vicente*, o primeiro impulso dado á creação da nossa litteratura dramatica, e começava *A Sobrinha do Marquez*. A Constituição de 1838 foi rasgada por D. Maria II, a qual em 1842 mandou revolucionar as tropas do Porto pelo seu proprio ministro Costa Cabral, e se arvorou em governo pessoal. Garrett se tinha illusões sobre o Cartismo perdeu-as, e no seu *Alfageme de Santarem*, escripto em 1841, aproveita a lenda do armeiro da Chronica anonyma do Condestavel, que soubera dar á espada uma tempera que a tornava invencivel. Porventura alludia a Passos Manoel, retirado em Santarem na sua quinta da Alpiarça. É certo que os jornaes do tempo referem que Costa Cabral, chefe do ministerio de resistencia, prohibira a representação do drama por causa das allusões politicas. A nação ainda acompanhava as luctas politicas antes de se conhecer ludibriada; e no mesmo anno em que se começava a revolução que tomou o seu impulso popular em 1846, Garrett em 1844 completava esse primor unico na historia de todas as litteraturas dramaticas conhecidas, o *Frei Luiz de Sousa*. Era assim que elle se

vingava d'esses deploraveis decretos de Costa Cabral, de 16 de julho de 1841 e de 7 de outubro de 1842, que o demittiam de Inspector geral dos Theatros e de Conservador das Escólas de declamação no Conservatorio de Lisboa. Esta oscillação nas honras explica-se pela agitação politica, seguindo em 1846, ou na *Maria da Fonte*, o ser reintegrado no seu logar de Chronista-mór do reino, e chamado para as commissões eleitoral e de fazenda. A rainha faltou outra vez aos seus compromissos exercendo o governo pessoal, e por todo o paiz levantaram-se as Juntas revolucionarias proclamando umas a destituição de Dona Maria II, outras exigindo apenas a demissão do ministerio. D. Maria II vencida teve de chamar o exercito hespanhol, e a armada ingleza para afogar pela força bruta da traição a liberdade politica d'este povo. Edgar Quinet, no seu opusculo *Portugal e a Santa Alliança*, lamentando a vergonha que pesava sobre a França por causa d'esta intervenção, falla do desenvolvimento extraordinariamente auspicioso da litteratura portugueza, iniciado por Garrett, e vaticina que aquella infamia da dynastia será a morte de uma nação que renasce. Assim foi; no quartel general de Saldanha que combatia contra a nação pelo interesse pessoal da rainha, crearam-se todos esses sargentos e alferes que vieram a ser os ministros da primeira e segunda regeneração que algemaram Portugal a essa extraordinaria divida publica, e que a pretexto de *melhoramentos materiaes* estabeleceram o jogo de fundos, as concessões de estradas, e a dissolução dos caracteres tornados impotentes para qualquer resistencia. Garrett lançou-se n'essa vida de sensualidade das alcovas e ainda escreveu algumas estrophes de lyrismo pessoal nas *Folhas cahidas*, livro extraordinario não tanto pela audacia da confidencia de uns amores com uma dama da sociedade lisbonense, como pela vehemencia de uma linguagem ardente, allucinada, de inspiração genial e de loucura. Garrett não fez mais nada; foi attrahido para a voragem, e pensou em ser ministro. A sua iniciação romantica estava pervertida; a geração nova que se levantara em volta d'elle, e a quem elle emendava os versos e as prosas, seguia por um outro rumo, cahia nos exageros imbecis do *ultra-romantismo*, não conhecendo da psychologia das paixões senão as interjeições e os doestos, e da Edade media apenas o guarda-roupa theatral. O regimen constitucional foi exercido pelos que se venderam ao paço, e os que falsificavam a opinião publica no jornalismo eram os chamados para a governação. Era verdadeiramente uma *Pedantocracia*, que se tem continuado até hoje. As lettras foram um degrão para a politica, e o nome de litterato tornou-se por muito tempo o synonymo da indignidade. Comte, no seu *Systema de Politica positiva*, caracteriza muito bem este phenomeno, que se deu em ponto grande com a

Pedantocracia franceza, isto é, sob o regimen dos metaphysicos que conservaram a incoherencia dos principios revolucionarios; diz elle, de um modo que se póde bem avaliar com o que se passou em Portugal: « Idealisar e estimular, tal é a dupla missão natural dos poetas, a qual não se effectua dignamente senão por uma concentração exclusiva. Esta funcção é bastante nobre e assás ampla para absorver todos aquelles que para ella se acham verdadeiramente destinados. Por isso os desvairamentos da ambição esthetica só vieram a surgir plenamente depois do advento passageiro de uma situação incompativel com a arte verdadeira, á falta de costumes caracteristicos e de convicções reaes. Todos estes poetas falhos ou exacerbados, dariam um outro curso á sua vida publica se a verdadeira poesia se tivesse já tornado possivel pela preponderancia de uma doutrina universal e de uma direcção social. Até a um tal desfecho as naturezas estheticas continuarão a extinguir-se ou a corromper-se em uma miseravel agitação politica, mais favoravel ás mediocridades especiosas do que ás superioridades reaes. » (*Op. cit.*, t. I, p. 279.) Este trecho é uma profunda synthese; de facto o regimen monarchico-parlamentar foi o campo aberto ao conflicto de todas as mediocridades sem principios. A intervenção dos ideologos e metaphysicos na transição revolucionaria, adoptando as ficções parlamentares privativas da Inglaterra como um accordo provisorio com o absolutismo, levou-os a exercer um predominio directo sobre as instituições e na fórma de governo, encobrando a falta de principios com a rhetorica, e a incoherencia da acção com as coalisões ministeriaes. Este phenomeno, caracterisado por Stuart Mill e por Augusto Comte com o nome de *Pedantocracia*, teve a sua completa manifestação em Portugal, desde que se extinguiu essa geração de ideologos sinceros, como Silvestre Pinheiro Ferreira, Mousinho da Silveira e Passos Manoel. As mediocridades da litteratura, de quem Garrett se ria amargamente, foram barafustar para a politica, fizeram ministros, conselheiros de estado, embaixadores, tudo quanto quizeram, menos o fazer acreditar que tivessem talento. Como natureza impressionavel, Garrett deixou-se arrastar na corrente, e em 1851 colligiu para o prelo as suas confidencias vertiginosas das *Folhas caídas*; depois quiz tambem ser visconde, e foi-o por decreto de 25 de junho de 1851; faltava-lhe ser ministro, e cooperar n'esta obra de dissolução desgraçada de uma pequena nacionalidade. Chegou-lhe a sua vez em 1852, depois que Dona Maria II, faltando aos compromissos creados pela intervenção armada estrangeira se entregara outra vez á resistencia despotica chamando ao ministerio Costa Cabral. Saldanha fez um pronunciamento militar em 1851, e dizem os criticos francezes, que aticado pela Inglaterra que se não conformava com as pautas organisadas por

Costa Cabral. É certo que d'esse movimento data o apparecimento do *partido regenerador*, formado pelos descontentes do cartismo com os desalentados do setembrismo. Garrett foi ministro n'esta situação e por poucos mezes; cobriu-se de véneras emquanto lá esteve, morrendo solitario e exausto em 9 de dezembro de 1854, como um exemplo frisante de como as instituições corruptas devoram os homens, ou os quebrantam, como se viu em Herculano que fugiu enojado da vida publica. Depois da morte de Garrett estabeleceu-se a theocracia litteraria de Castilho e do elogio mutuo, e a mentalidade portugueza desceu até aonde começa a insensatez. O *ultra-romantismo* propagou-se das letras para as familias burguezas, dando-se na nação o singular phenomeno da perda do senso do ridiculo. A litteratura julgou-se incompativel com a sciencia e com a philosophia; o mesmo se deu na crise europêa, dos que se voltaram depois do prurido ultra-romantico para o esmero da fórma, a que agora se dá o nome de *parnasianos*. Diz Comte admiravelmente no seu *Systema de Politica positiva*: « Todos os verdadeiros poetas, de Homero a Corneille, participaram profundamente da mais poderosa educação que comportava a sua época. Mesmo hoje, quando a nossa anarchia faz por toda a parte prevalecer uma especialidade empirica, os pretendidos poetas julgam-se dispensados de iniciação philosophica mas não fazem senão aproveitar-se da base indispensavel a systemas atrazados, theologicos ou metaphysicos. A sua vã educação especial, limitada a cultivar unicamente o talento de formular é tão nociva ao seu espirito como ao seu sentimento. Afastando-os de toda a convicção profunda, ella não tende senão a desenvolver uma habilidade mechanica para a parte technica da arte, sem lhes deixar apreciar a idealisação que constitue o seu principal character. Nós lhe devemos esta deploravel multiplicidade de verzejadores e de litteratos, alheios a todo o verdadeiro sentimento poetico, e sómente proprios para perturbar a sociedade pela sua ambição desregrada. » (*Op. cit.*, t. I, p. 306.) É o que vemos com esses ministros poetas, litteratos e rhetoricos, tão notaveis pelo cynismo como pela ignorancia com que ha tantos annos nos governam. A parte bella da obra de Garrett ficou como um protesto contra esta decadencia, que segundo Quinet data de 1847. A reacção contra este estado de apathia mental só pôde vir por um regimen de critica, de educação scientifica e de vistas philosophicas, e já se teria avançado bastante se o espirito de mediocridade fechando-se em estreitas especialidades não tivesse quebrado o accordo de todas as iniciativas.

THEOPHILO BRAGA.

LITTERATURA BRAZILEIRA

SEGUNDA ÉPOCA, OU PERIODO DE DESENVOLVIMENTO AUTONOMICO

(1750-1830)

Sciencias naturaes

(Continuação)

A viagem de José Bonifacio, em companhia de Araujo Camara e Fragoso de Sequeira, começou em 1790 e durou dez annos. Dirigira-se a Paris onde cursára a chimica e a mineralogia, ouvindo Chaptal, Fourcroy, Jussieu e Haüy. Passou a Freyberg, onde ouviu Werner em oryctognosia; Lempe em mathematicas puras e applicadas; Köhler em legislação das minas; Kotzsch em chimica mineral; Freiesblen em chimica pratica, e Sampadius em metallurgia. De Freyberg passou a visitar as minas do Tyrol, da Styria e da Carinthia. Desceu á Italia, onde ouviu Volta em Pavia. Em Padua examinou os montes Euganeos, refutando a theoria vulcanica de Ferber e Spallanzani. Frequentou Priestley na Inglaterra. Viajou nos paizes escandinavos, ouvindo Bergmann em Upsal e Abilgaard em Copenhague. Na Suecia dedicou-se a investigações praticas de mineralogia, descobrindo quatro especies mineraes novas — a *Petalite*, a *Spoduméne*, a *Scapolite*, e a *Kryolithe*. As variedades — *Akantikone*, *Salite*, *Coccolite*, *Ichtyophthalma*, *Indicolite*, *Aphrizite* e *Allochroite*, são devidas tambem ao nosso compatriota ¹.

¹ Vid. *Elogio Historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, por J. M. Latino Coelho. Lisboa, 1877, *passim*.

Durante suas excursões pela Europa, José Bonifácio dirigiu notas e communicações a revistas scientificas allemãs e francezas; entre outras ao *Jornal das Minas*, às *Actas da Sociedade de Historia Natural*, aos *Annaes de Chimica*, ao *Jornal de Physica*, de França; ao *Jornal de Chimica* de Scheerer, da Allemanha.

De volta a Portugal Andrada foi nomeado lente de metallurgia em Coimbra, intendente geral das minas e metaes, director das obras do Mondego. Com a invasão dos francezes o celebre paulista põe-se á frente dos batalhões academicos, que sahem ao encontro do inimigo. Logo após a invasão estrangeira, apparecendo disturbios no Porto, foi para alli enviado na qualidade de intendente de policia, e com tal energia se houve que teve de ser demittido, por apaixonado e violento ¹. Isto denota claramente o açodamento do paulista.

Os principaes escriptos seus impressos na Europa foram: *Sobre os diamantes do Brazil*, publicado em Paris; *Sobre as minas em Portugal*; *Sobre a novã mina da outra banda do Tejo*; *Sobre os veeiros e jazigos metalliferos de Traz-os-Montes*; *Viagem mineralogica pela provincia da Extremadura até Coimbra*; *Memoria sobre a minerographia da serra que decorre do monte de Santa Justa até Santa Comba*; *Viagem geognostica aos montes Euganeos*; *Instrucções praticas e economicas para os mestres e feitores das minas de ouro de desmonte e lavagem no Brazil*; *Plantio dos novos bosques em Portugal*, e diversos discursos na *Academia das Sciencias de Lisboa*, tudo publicado em Portugal.

N'estes trabalhos a aptidão do observador corre parelhas com a simplicidade de estylo do escriptor ². Releva ponderar que Andrada em Portugal, antes e depois de sua viagem scientifica, não desprezou nunca os estudos litterarios e a poesia. Collaborou no *Reino da Estupidez* de Mello Franco, e muitos dos versos publicados em 1825 em Bordeus, foram escriptos nas margens do Mondego e do Tejo.

A especialidade scientifica de Andrada era a mineralogia e a chimica. Filiou-se na escola de Werner; era um empirista.

De volta ao Brazil em 1819, depois de uma ausencia de trinta e seis annos, foi residir em sua provincia, onde continuou seus estudos predilectos, enviando para a Europa algumas communicações a jornaes scientificos. No anno seguinte rebenta a revolução no Porto; o Brazil agita-se; os liberaes victoriosos em Portugal instam

¹ Latino Coelho, idem, *ibid.*

² Idem, *ibid.*

pela volta de João VI, que nos deixou em 1821. As côrtes de Lisboa tentam reduzir o Brazil ao antigo estado de colonia, escrava sem autonomia, e ordenam a volta do principe real D. Pedro, que ficára como logar-tenente de seu pai á frente do governo do Brazil. O povo do Rio de Janeiro manifesta o desejo de que o principe resista ás ordens da metropole, ficando entre nós. São enviados emissarios ás provincias mais proximas, Minas e S. Paulo, que adherem ao movimento. A junta da ultima d'estas provincias, de que era Andrada vice-presidente, dirige uma representação ao principe regente a 24 de dezembro de 1821. A commissão chega ao Rio a 16 de janeiro de 22, depois do dia do *Fico*; mas já antes tinha chegado o officio do governo de S. Paulo avisando de que — ao principe seria apresentada uma mensagem de adhesão ¹. Estava iniciado o movimento da Independencia, e Andrada ia ter n'elle parte conspícua.

A independencia do Brazil tem sido objecto de apreciações contradictorias, que todas parecem eivadas de um vicio qualquer. São preocupações systematicas. Uns attribuem-na a João VI, outros a Pedro I; estes a José Bonifacio; aquelles a José Clemente, Léo e Januario. Os primeiros argumentam assim: a abertura dos portos da colonia ás nações amigas, a elevação do paiz a reino unido a Portugal e Algarves, a residencia da côrte no Rio de Janeiro por treze annos, a creação de escôlas e academias, e cincoenta outros melhoramentos, praticados por João VI, factos todos do maximo alcance social e politico, prepararam e levaram implicitamente a effeito a independencia do Brazil. Este arrazoado tem grande fundo de verdade; ha, porém, uma simples consideração que lhe diminue as proporções. Foi a acção retrograda, impertinente e impolitica das côrtes de 1820. O paiz teria sido reduzido ás antigas condições, se não fôra a resistencia dos patriotas de 22.

Os que se volvem para o 1.º Pedro raciocinam d'est'arte: o principe era energico e ambicioso, tomou a dianteira dos factos e fez a independencia para cingir a corôa de um grande imperio. Não fôra elle, e o Brazil rastejaria annos e annos na sujeição... Não pretendo negar os serviços de Pedro I, nem diminuir-lhe as proporções, já de si pouco elevadas. Este livro não é um dithyrambo, nem uma diatribe; forceja por ater-se á verdade historica. Pedro de Alcantara foi levado, depois de immensas hesitações, pela força dos acontecimentos; não teve a iniciativa; fez-nos apenas o

¹ Mello Moraes, *A Independencia do Brazil*, passim.

favor de não resistir. Antes o tivesse tentado; porque os factos teriam tomado outro rumo e a nossa emancipação teria sido mais limpa.

Os encomiastas de José Clemente e seus companheiros dão-lhes a preferencia, cotejando datas, mostrando que o dia do *Fico*, 9 de janeiro de 22, é anterior a 16 d'esse mez, que levou José Bonifacio ao ministerio. É bom não esquecer, porém, que José Clemente era homem suspeito, portuguez de nascimento, adestrado em intrigas, falho de popularidade, espirito inculto e de vôo rasteiro. Seu papel é secundario. Identicas eram as circumstancias de seus inseparaveis companheiros. A despeito dos discursos de José Clemente (14 de junho de 1841), de Diogo Feijó (21 de maio de 1832), e dos artigos de Araujo Vianna (*Correio Official* de 28 de dezembro de 1833) e de Evaristo da Veiga (de julho e agosto de 1831), José Bonifacio é ainda a meus olhos o mais notavel agente de nossa emancipação, como individualidade, como typo representativo das aspirações nacionaes. A independencia foi a elaboração do trabalho e do vigor de muitas gerações; foi uma obra popular; teve, porém, seus corypheus, e Andrada foi o maior d'elles. Os factos historicos não brotam do chão, como a herva dos campos; não descem tambem das nuvens, como as deidades da poesia. Elles são antes o vai-vem das paixões, o fluxo e refluxo das idéas; estas rompem dos cerebros, e põem-se ao serviço do braço dos que luctam e trabalham. Uma historia sem homens é como uma astronomia sem astros, uma physica sem corpos.

Não foi só nos dias da independencia e da constituinte que José Bonifacio teve de arcar com a chicana e a intriga dos partidos; mais tarde o odio de seus adversarios, não saciado com os seis annos de desterro do velho paulista, attingiu proporções maiores nos tempos da Regencia. D'ahi, a serie de escriptos contra o antigo ministro de Pedro I, oriundos de inimigos, e que têm servido de base ás publicações modernas. Os tempos de João VI e seu filho não podem ser bem comprehendidos sem o subsidio novo das cartas de Silvestre Pinheiro, em parte ultimamente publicadas; as *Memorias*, quasi inteiramente ineditas, de Antonio de M. V. Drummond; as *Cartas* de José Bonifacio a este diplomata, e as do 1.º imperador a seu pai.

Os Andradas eram intelligentes, altivos e ousados. Antonio Carlos tinha sido parte poderosa na revolução de 1817 em Pernambuco, e mais tarde valente deputado brasileiro ás côrtes de Lisboa; punha José Bonifacio a par dos successos da metropole e o estimulava a ajudar a independencia patria. Andrada entrou opportunamente na acção e foi o espirito organisador do genesis do novo imperio, desde que D. Pedro declarou ficar no Brazil, até que foi coroado

imperador, desde janeiro a dezembro de 22. A 17 de julho do anno seguinte descia do poder para não mais voltar a elle. Dissolveu a constituinte a 12 de novembro d'esse anno, é deportado para a França. Em tudo isto andaram as paixões inconfessaveis dos partidos, e Domitilla não foi estranha aos manejos que victimaram José Bonifácio ¹.

As idéas capitaes d'este homem de Estado eram: preparada a emancipação, organizar o paiz quasi federalmente, e applicar-se logo á solução dos dous magnos problemas, que ainda hoje estão de fauces abertas aguardando uma resposta. Quero fallar da colonisação, aproveitando o elemento indigena, e da emancipação dos escravos. Para isto escreveu elle duas memorias, que apresentou á Constituinte: — *Apontamentos para a civilisação dos indios bravos do imperio do Brazil* e *Representação sobre a escravatura*. São dous pequenos escriptos de inestimavel valor; revelam o genio pratico do homem e sua opinião sobre o lado sombrio da vida social brasileira. Não foram aquilatados devidamente. Andrada antecipava-se sessenta annos á intelligencia nacional.

Tinha exacta intuição de nossa posição politica e ethnologica. Em 1820 já dizia a João VI:

« *Illumina teus povos ; dá soccorro
Prompto e seguro ao indio tosco, ao negro,
Ao pobre desvalido ; — Então riqueza
Teus cofres encherá...* » ²

Tinha boas idéas sobre o homem selvagem; mas illudia-se sobre o valor intellectual de nossos indios. «O homem primitivo, escreveu elle, nem é bom, nem é mau naturalmente; é um mero automato, cujas molas podem ser postas em acção pelo exemplo, educação e beneficios. Se Catão nascêra entre os Satrapas da Persia, morreria ignorado entre a multidão de vis escravos. Newton se nascêra entre os Guarany seria mais um bipede, que pesara sobre a superficie da terra; mas um Guarany criado por Newton tal-

¹ Vid. *Memorias de Drummond*, manuscrito da *Bibliotheca Nacional*. A *Gazeta Litteraria* tem publicado ultimamente alguns fragmentos d'essas memorias.

² *Poesias de Americo Elisio*; edição de 1864, pag. 67.

vez que occupasse o seu logar.»¹ D'este ultimo asserto é licito duvidar.

Indicou os meios praticos para chamar ós selvagens a nós. Em referencia aos escravos foi ainda mais lucido.

A *Representação d Assembléa Constituinte do Brazil sobre a escravidão* é a profissão de fé politica e social do velho sabio. É por ella que se conhecem os seus projectos, que se ávalia de sua intuição; é por ella que nós ainda hoje o amamos. Andrada não era um especulador, um politico de occasião, vazio de ideias, inefficaz; era um homem de crenças, tinha desígnios a realisar.

Depois de sessenta annos é que vamos começando a cumprir seus votos para a extincção da miseria secular.

« Como cidadão livre e deputado da nação, disse elle, dous objectos me parecem ser, fóra a Constituição, de maior interesse para a prosperidade futura do Imperio. O primeiro é um novo regulamento para promover a civilisação geral dos indios do Brazil, que farão com o andar do tempo inuteis os escravos; o segundo uma nova lei sobre o commercio da escravatura e tratamento dos miseraveis captivos. Proponho-me mostrar a necessidade de abolir o trafico da escravatura, de melhorar a sorte dos actuaes captivos e de promover a sua progressiva emancipação... Cumpre progredir sem pavor na carreira da justiça e da regeneração politica, mas cumpre que sejamos precavidos e prudentes... Como poderá haver uma Constituição liberal e duradoura em um paiz continuamente habitado por uma multidão immensa de escravos brutaes e inimigos? Comecemos desde já esta grande obra pela expiação de nossos crimes e peccados velhos... É preciso que cessem de uma vez os roubos, incendios e guerras que fomentamos entre os selvagens d'África. É preciso que não venham mais a nossos portos milhares e milhares de negros, que morriam abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda. É preciso que cessem de uma vez todas estas mortes e martyrios sem conto com que flagellavamos e flagellamos ainda esses desgraçados em nosso proprio territorio. É tempo, e mais que tempo, que acabemos com trafico tão barbaro e carniceiro; é tempo tambem que vamos acabando gradualmente até os ultimos vestigios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma nação homogenea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitaveis e felizes. É da maior necessidade ir acabando

¹ *Apontamentos para a civilisação dos Indios.* Cito pelo autographo original que possuo por dadiva do dr. Mello Moraes (pai).

tanta heterogeneidade physica e civil. Cuidemos, pois, desde já em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrarios, e em *amalgamar* tantos metaes diversos, para que saia um Todo homogeneo e compacto, que se não esfarelle ao pequeno toque de qualquer nova convulsão politica. Mas que sciencia chimica, e que dexteridade não são precisas dos operadores de tão grande e difficil manipulação ¹!...

Era com taes meios que o ministro de Pedro I se propunha conservar *sem quebra a famosa peça inteiriça de architectura social*, segundo sua propria expressão referindo-se ao Brazil ².

Deportado para França estabeleceu residencia perto de Bordeus. Ahi publicou em 1825 um volume de versos, *Poesias de Americo Elisio*, de que nos resta dizer umas palavras. A maior parte dos versos da pequena colleccão foram escriptos em Portugal durante a longa permanencia de Andrada no velho reino. São poucos e desvairados versos, *farpados restos do traquete rôto!* como lhes chama o auctor. José Bonifacio não era uma vocação poetica. Seus versos têm grande valor como documentos que servem para melhor firmar-lhe o character intellectual. A tendencia mais forte, o principio dirigente em seu talento era a curiosidade scientifica.

Esta levava-o ao estudo da natureza. Na poesia tal predisposição se manifesta tambem. D'ahi, dous generos de composição em seu livro: versos originaes, onde a nota primordial é um pantheismo *naturalistico* e versos traduzidos d'aquelles auctores em que essa manifestação é mais nitida. É por isto que elle tinha predilecção, entre os antigos, por Pindaro, Hesiodo, Meleagro, Virgilio e o auctor do *Cantico dos Canticos*. De todos estes traduziu fragmentos. Ia assim beber no Oriente, e especialmente no Oriente antigo, nas puras veias da eterna poesia. No mundo occidental Ossian, Young, Thompson lhe mereciam cultivo assiduo. Shakespeare, Byron, Walter-Scott, Göthe e Schiller não lhe eram estranhos. José Bonifacio foi um dos homens mais instruidos que o Brazil tem possuido. Sua educação classica era forte e seus conhecimentos da litteratura ingleza e allemã eram vastos. Fallava seis ou sete linguas.

É explicavel pela sua prolongada permanencia na Europa. Quando fallo no monismo, no naturalismo pantheistico de seus versos, digo a verdade; não avanço apenas uma phrase. É conhecido

¹ *Representação sobre a Escravatura*, edição de Paris, 1825. In principio.

² Drummond, *Memorias*; *Gazeta Litteraria* do Rio de Janeiro, n.º 6, de 24 de dezembro de 1883.

o escripto em que claramente presentiu o moderno principio da *unidade das forças físicas*. Já Latino Coelho bem o indicou. « Razões assás fortes e varios experimentos me fazem crêr que fogo, luz, calorico e phlogistico são em si uma e mesma substancia, mas diversamente modificada e projectada. » Dissera Andrada. É a intuição geral que reina em sua poesia. O poeta não desmente, nem se põe em antagonismo ao sabio.

Se a poesia moderna, desde Göthe, tem tres notas capitaes, a philosophica, de que o *Faust* é a expressão suprema, a nacional, de que *Hermann e Dorothea* é o symbolo inexcédível, e a oriental, especie de retorno ás impressões primitivas do paganismo, de que o *Divan* é a imagem brilhantissima; se a moderna poesia não é uma preocupação frivola, se ao contrario é mais uma arma com que entramos nos combates do pensamento e nas incertezas do destino, ella não foi de certo estranha ao espirito de nosso compatriota.

O prazer do mundo, o sentido da natureza, a tendencia moderna, renovada dos gregos, que nos leva a vêr a vida circulando pelo universo inteiro, sereno optimismo que assignala a actividade sem limites como a lei suprema da humanidade, reactivo contra a melancolia, essa molestia tambem moderna, fructo de uma civilização demasiado complicada, o prazer do mundo, a intuição da actividade, de que Lessing e Göthe foram os grandes propugnadores, dizia, não foram alheios ao pensamento de José Bonifacio.

Deparam-se-nos em todo o livro e cito um só pedaço:

« Já o bando voador em meigos laços
Com mil lascivos namorados beijos
Impellido de amor se une ditoso;
Laços gentis da provida natura!
No brando seio os zephyros travessos
Venus aquenta do nocturno frio.
Ella mesma distilla orvalho puro,
E com liquidas perolas borriça
Os tenrinhos botões das novas rosas!
Oh! alma do universo! oh! Venus bella!

« Por ti respira tudo o que tem vida.
A um teu aceno só milhões de seres,
Já nos profundos reinos do oceano,
Já na face da terra, ou lá nos ares
Renovam a cadeia do universo!
Tu viver fazes a *materia* inteira!
Todos quantos respiram, vivem, sentem,
Na terra e mar, nas regiões do vento,
Obedecem teus mandos, grande deusa! »

Isto não é uma nota vulgar de estafado classicismo ; é antes uma convicção do naturalista, um preito á verdade das cousas, explanada e estabelecida desde os antigos. A aridez da mineralogia não suffocou os ardores, os enthusiasmos do poeta americano.

Não raras vezes o lyrismo de Andrada brotava valente e fogoso ; animadas imagens sahjam-lhe espontaneamente :

« Desentrançadas as madeixas de oiro
 Que ondeiam sobre o collo crystallino,
 Meneando com graça o corpo airoso,
 Inda mais bella que as Napéas bellas,
 Quando as arestas do ondejante trigo,
 No folgado nocturno,
 Em rapida carreira apenas tocam,
 Co'os olhos côr do céu, branda e serena,
 Aqui de manhã vinha, aqui folgava
 Conversar ás singelas co'a natural...
 Parece que a estou vendo
 Qual zephyrinho meigo
 Que as espigas açoita levemente;
 Assim lhe vai tremendo o eburneo collo,
 Assim os lacteos pomos buliçosos,
 Docemente vacillam,
 Quando entre as flôres nova flôr passeia !... »

Ha ahí um quer que seja de lascivia americana, posto que expressa por um academico. Quando ella é sentida por homens, peitulantes de sensualidade, sem precauções para a occultarem, então assume as fórmãs de um erotismo, que tem poucos rivaes no mundo. Em algumas palavras o quadro torna-se completo, como este de Frei Bastos :

« Os peitos da minha amada
 Eu os beijei, eu os vi...
 Eram de leite coalhado,
 Não sei como os não bebi !... »

A alvura, o tremor, a doçura do creme de leite de uns bellos seios nús, allucinavam o desregrado frade. Andrada não era d'essa tempera ; mas não desmentia o seu paiz.

Encarando de frente esta figura, e resumindo nossas observações, parece-nos que sobre ella poderemos formular este juizo :

— José Bonifacio foi um sabio, um espirito investigador, a que faltou, como a Alexandre Ferreira, e como a todos os sabios portuguezes e brasileiros de sua época, o principio fecundante de uma philosophia vasta e comprehensiva. Deu-nos o exemplo de um investigador quasi nullificado por um empirismo negativo. Como po-

litico, entrou a geito em scena, e a geito d'ella o retiraram os factos.

Prestou serviços, teve ideias e patriotismo; commetteu, porém, o grande erro de não preparar e realisar a nossa independencia sem o auxilio do desastrado filho de D. João VI. O tal grande presente que nos foi feito por José Clemente e seus adeptos, o intitulado dia do *Fico*, foi um principio perturbador, que José Bonifácio não pôde ou não quiz eliminar. Era uma consequencia da sua má educação politica adquirida em Portugal. Foi ainda um corollario de sua falta de cultura philosophica e historica.

O poeta era objectivista e lucido; não possuia larga imaginação, nem amplos recursos de fórma. Natureza séria, mas pouco fecunda, abraçou da sciencia um dos ramos menos expostos ás grandes syntheses philosophicas, ou, pelo menos, aceitou-o e n'elle trabalhou apenas levado por preocupações praticas. Na politica impressionou-se tambem mais pelo lado meramente exterior dos acontecimentos. Bonacheirão, tinha a *verve* dos bons palestreadores portuguezes, com suas graçolas burguezas; demasiado orgulhoso, era capaz de assomos e violencias; satyrisava seus inimigos, e os que pôde mandou prender e deportar. Suppunha-se muito acima do geral de seus compatriotas, no que não deixava de ter bastante razão. A sua vaidade de familia tocava quasi ao delirio. Teve fraquezas, commetteu inconsequencias; em compensação nunca perdeu no meio dos soffrimentos e contrariedades a confiança em si proprio.

De resto, d'esta massa é que são feitos os grandes homens, e, sem ironia, elle foi um d'estes.

Frei José Marianno da Conceição Velloso (1742-1811) fornece-nos um bello exemplo da indifferença portugueza e brazileira pelos productos do espirito.

Este religioso foi quem primeiro fez a descripção systematica da flora de uma região do Brazil, famoso livro de que os nossos sabios conhecem sómente o titulo. A obra permaneceu inedita perto de quarenta annos, e, quando se lembraram de a publicar, já não passava quasi de uma antigualha.

Velloso era mineiro e fez seus estudos no Brazil. Quando partiu para Portugal, a convite do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, já não estava em idade de iniciar uma carreira scientifica na Europa. A sua obra capital, a *Flora Fluminense*, foi escripta no Rio de Janeiro e ficou prompta em 1790. N'este mesmo anno passou-se o nosso religioso a Lisboa, onde foi director da *Typographia do Arco do Cego*.

O frade naturalista, entre outros trabalhos, escreveu: *O Fazem-*

deiro no Brazil, melhorado na economia rural dos generos já cultivados e de outros que se podem introduzir; Descrição de varios peixes do Brazil; Aviario brazilico ou galeria ornithologica das aves indigenas do Brazil, e um Diccionario Portuguez e Braziliano.

A grande obra, porém, é a que traz por titulo: *Floræ Fluminensis, seu descriptionum plantarum Præfectura Fluminensis sponte nascentium*. É conhecida a historia d'este livro. Mello Moraes na *Botanica Brasileira* e Felix Ferreira na *Exposição da Historia do Brazil*, contaram-n'a por miudo. Ouçamos o ultimo:

«Em Lisboa, havia frei José Marianno procurado dar á estampa a sua *Flora*, á custa do Estado, e o governo portuguez parece que não se recusára a isso, pois chegou-se a começar a gravura das estampas, conforme testemunha o seguinte trecho de uns papeis officiaes de Portugal: «No dia 29 de agosto de 1808, diz um officio dirigido pela administração da imprensa regia ao governo portuguez, pouco depois do meio dia apresentou-se n'este estabelecimento Mr. Geoffroy St. Hilaire com uma ordem de s. exc.^a o snr. duque de Abrantes, datada de 1 de agosto, determinando que se entregassem 554 chapas pertencentes á *Flora do Rio de Janeiro*, de que era auctor fr. José Marianno da Conceição Velloso, as quaes se entregaram e levou comsigo na mesma sege em que veio.» Interrompida a publicação pela retirada do auctor para o Brazil, conservou-se a obra inedita por espaço de 35 annos, até que por ordem de D. Pedro I fez-se em Paris a impressão dos 11 volumes de estampas, e na Typographia Nacional os 7 de texto; mas ainda d'esta vez a obra de fr. Velloso não logrou ser publicada de todo. Os numerosos exemplares das estampas jazeram, por muitos annos, nas lojas da secretaria da justiça, até que um personagem, muito conhecido no mundo scientifico, pediu-os e obteve-os do Estado para... fabricar com ellas papelão!... É certo que o Estado tambem por sua vez as utilisava, na Academia de Bellas-Artes, para os alumnos esboçarem no reverso das folhas, que ahi se distribuiam em profusão. Assim se desbaratarem esses exemplares que custaram aos cofres publicos algumas centenas de contos de reis ¹!»

(Continúa).

SYLVIO ROMÉRO.

¹ Felix Ferreira, *A Exposição de Historia do Brazil*, *Notas Bibliographicas*.

O ENSINO DA HISTORIA NOS LYCEUS

Por diversas vezes temos chamado a attenção dos leitores para o estado cahotico em que se acha a nossa instrucção publica, com especialidade a instrucção secundaria, e nunca nos cansaremos de voltar ao assumpto todas as vezes que se nos offereça occasião, porque o derramamento de noções scientificas representa uma necessidade inilludível na época que atravessamos, e o aperfeiçoamento da pedagogia é o problema que reclama uma solução pratica mais immediata por ser a base de todos os progressos futuros da humanidade. Infelizmente entre nós e mesmo nos paizes estrangeiros, como vemos na *Rivista di filosofia scientifica* e n'outros periodicos de reconhecida auctoridade, a instrucção fornecida pelos governos á mocidade contemporanea nos estabelecimentos do Estado, ou officialmente recommendada, está longe de corresponder ao grau de desenvolvimento attingido pelas sciencias no seculo actual. Enquanto as sciencias alargam os seus dominios e melhoram os seus processos de investigação e estudo, a instrucção fica quasi estacionaria, sem utilizar a somma immensa de dados que aquellas põem á sua disposição, ou utilizando-os de um modo vicioso e improficuo. O desenvolvimento que nos ultimos tempos tem tomado a pedagogia, pela applicação das descobertas modernas no campo da embryologia, da psycho-physiologia, da philologia, etc., póde-se afirmar que é completamente desconhecido nas regiões officiaes. Por isso a instrucção primaria continúa a ser uma monstruosa e incongruente accumulção de coisas inuteis e a instrucção secundaria ainda não sahiu do desastrado empyrismo que desnorteia muitas intelligencias robustas. O professorado, com pezar o dizemos, tem em grande parte a culpa do estado atrazadissimo da nossa instruc-

ção, porque, sendo formado de homens, que tinham a restricta obrigação de estar ao corrente dos progressos scientificos, antepõe na sua maioria as conveniencias e os interesses pessoaes ao cumprimento dos seus deveres sociaes e profissionaes. A exploração industrial é a idéa que geralmente move os compiladores dos compendios. Se percorrermos a um por um os livros adoptados pela Junta consultiva de instrucção publica para uso dos alumnos, quer de instrucção primaria, quer de instrucção secundaria, em quasi todos iremos descobrir a falta de probidade scientifica, a ambição do ganho, ou, em ultimo caso, a incapacidade, a incompetencia do auctor; em todos, sem distincção, o atrazo em comparação ao desenvolvimento da sciencia.

Tivemos occasião de estudar, ha tempos, o estado do ensino da philosophia nos lyceus, ¹ analysando dois dos compendios adoptados; as demais disciplinas que fazem parte da instrucção secundaria, como então observámos, não se acham em melhores condições; seria, comtudo, fastidioso, além de absolutamente inutil, fazermos um processo identico, aos compendios de rhetorica, de grammatica, de historia, de geographia, de introducção á historia natural, etc. etc. Quem poderia mesmo tomar a sério um estudo sobre os compendios do dr. Doria, de Medeiros Botelho, ou de João Felix? Não foi, decerto, para analysar semelhantes trabalhos que tomámos para titulo d'este artigo *O ensino da historia nos lyceus*. Esses livros, graças ao *Compendio de Historia Universal* do snr. Consiglieri Pedroso, cahiram na sombra do esquecimento, onde em breve desaparecerão para sempre. Não seremos nós que iremos sacudir o pó que o tempo, justamente, começa a accumular sobre elles.

A nossa tarefa é outra. Consiste em investigar se o novo compendio leva grandes vantagens aos que o precederam, e portanto se satisfaz cabalmente aos requisitos indispensaveis da moderna litteratura escolar. A segunda edição d'este livro, publicada em Paris sob o titulo de *Manual de Historia Universal*, ² de que nos foi en-

¹ Vid. *Revista de Estudos Livres*, 1.º anno, pag. 501.

² *Manual de Historia Universal*, por Z. Consiglieri Pedroso, lente de Historia Universal no Curso Superior de Letras; socio honorario da Academia Real das Sciencias de Palermo; membro da Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, de Copenhague; da Sociedade Oriental Allemã; socio correspondente da Academia Real de Historia, Antiguidades e Bellas-Letras, de Stockholmo; membro das Sociedades Historicas de Stockholmo e Copenhague; membro honorario da « Sociedade philologica Parnassos » de Athenas, etc. etc. Paris, Guillard, Aillaud & C.ª, 1884 — 1 vol. de 387 pag.

viado um exemplar pelo editor, serve de pretexto para esta analyse critica. O nome do auctor, illustre professor de Historia Universal no Curso superior de lettras, cuja cadeira conquistou por provas publicas, senão brilhantes como as de Theophilo Braga, no entanto muito regulares, parece *à priori* sufficiente garantia da seriedade do trabalho. E esta esperança ainda está reforçada pela circumstancia do snr. Consiglieri Pedroso ter consagrado uma boa parte da sua existencia aos estudos historicos, como temos ouvido afirmar, e elle proprio confessa no prologo d'este volume. Enquanto a nós individualmente, a qualidade de positivista, que o auctor se arrogava desde muito tempo, chegava mesmo a converter quasi em convicção essas esperanças. Foi, portanto, com uma certa desconfiança, que nós, ao apparecer a primeira edição, começamos a ouvir graves queixas e desapiedadas censuras contra o compendio, tanto da parte de professores particulares de instrucção secundaria, como de alumnos e de paes de estudantes, os quaes em geral collocavam o livro muito abaixo dos velhos e insupportaveis compendios de Historia Universal. Attribuimos o descontentamento dos estudantes, dos paes e dos professores ao espirito de rotina, ainda tão inveterado no nosso povo, e não nos demos ao trabalho de verificar a justiça ou injustiça dos lamentos. Agora, porém, que nos veio ás mãos o *Manual de Historia Universal*, podemos submettel-o a uma rigorosa analyse scientifica e avaliar uma a uma as accusações que sobre elle pesavam. Tivemos mesmo a felicidade de vér corroborado o nosso juizo pela opinião de um distincto escriptor, que tem dedicado os melhores annos da sua vida aos estudos da historia universal, e pela palavra auctorisada de um respeitavel ornamento do professorado portuguez. Entramos assim com inteira segurança na critica do compendio, e se nos accusarem de demasiadamente severos responderemos que o auctor pertence á geração moderna, milita na pleiade dos que têm por divisa, como ponto de partida, a illustração do povo, e tem por consequente muito mais responsabilidades por quaesquer erros ou faltas que commetta, do que as têm os que se deixam ir na corrente official.

A primeira impressão, ao pegar-se no compendio, é-lhe favoravel; o exterior agrada, porque não assusta o animo dos alumnos, sempre adversos a tratados volumosos. Abre-se, lê-se, e desde logo vêem-se surgir as difficuldades para professores e estudantes, pois que nem os primeiros podem ensinar, nem os segundos aprender, por um livro tão deficiente, tanto nos factos, como na ordem e plano geral da obra. Digamol-o desde já: — o *Manual de Historia Universal* não satisfaz ao fim a que visa, quer o consideremos sob o ponto de vista synthetico, quer sob o ponto de vista analytico. É o que passaremos a demonstrar.

Encarando-o no seu conjuncto, o livro não possui unidade, nem obedece a um plano definido, nem mesmo se revela n'elle o encadeamento das civilizações. O auctor, como positivista, tinha obrigação de apresentar um trabalho que correspondesse cabalmente a esses requisitos. A moderna orientação sociologica devia guial-o da primeira até á ultima pagina. Infelizmente tomou diverso rumo e lançou-se de braços abertos na confusão anti-cientifica dos historiadores catholicos e metaphysicos. Começa logo por ignorar a significação da palavra *Historia*, cujos dominios alastra irreverentemente pelo campo bem delimitado da Sociologia, quando a define como « a Sciencia que descreve os factos que se passam no seio das sociedades humanas civilizadas, no tempo e no espaço, e estuda quanto possivel as leis que os regem. » (pag. 7) O estudo das leis, que dirigem a marcha social, pertence, como todos sabem, á Sociologia e não á historia. Além d'isso, n'esta definição, ha a notar as phrases verdadeiramente deslocadas de « sociedades humanas civilizadas, no tempo e no espaço », pois que a idéa de sociedade envolve a idéa de civilização, empregando-se só por metaphora a phrase *sociedade selvagem* ou *sociedade animal*, e o *tempo* e o *espaço* da nomenclatura kantista são pleonasmos, completamente desnecessarios. O snr. Consigliere Pedroso, apesar de ser geralmente qualificado de sabio, não tem uma noção precisa do que seja Sciencia. A Sciencia, para elle, não passa da « investigação de relações, » (pag. 7) quando para Augusto Comte, de quem se diz discipulo, e para todos os pensadores contemporaneos, só se chega a formar a Sciencia, no momento em que, estabelecidas essas relações, se consegue tirar previsões. Não possuindo noções exactas sobre a Historia e a Sciencia em geral, como ha de o auctor ser mais feliz na execução da obra? Da falta de precisão scientifica derivam todos os seus erros, tanto de concepção, como de narração. Necessariamente, depois de definir mal a Historia, tinha de mostrar a sua ignorancia na methodologia. Os processos ligam-se intimamente á doutrina. Mas aqui ainda foi mais infeliz. Damos de barato que o snr. Consigliere Pedroso apresente a *observação* como o unico meio de investigação na sciencia astronomica, sem se lembrar das recentes applicações spectroscopicas á analyse dos elementos do sol e das nebulosas, o que constitue na realidade o emprego do methodo experimental; deixamos mesmo a lamentavel confusão entre as sciencias abstractas e concretas, a errada collocação da Historia na hierarchia das Sciencias e a formação de uma injustificavel classe de sciencias sob a designação de *historicas*, tudo imperdoavel a um positivista; e vamos directamente ao methodo historico, que o auctor não comprehendeu, confundindo-o com o methodo comparativo e chegando mesmo a escrever: « a comparação é o processo que

maior importancia tem no methodo historico»; (pag. 10) e mais adiante: «o processo de investigação na historia é o «methodo comparativo» corrigido pelo principio da «filiação historica»! (p. 11). Por *filiação historica* entende elle «uma relação de parentesco entre os factos»! — definição vaga que não exprime a relação de continuidade, ou, por outras palavras, o modo como cada presente deriva do seu antecedente. Ao contrario do que parece affirmar o auctor, nas sciencias sociaes a principal importancia methodologica pertence ao criterio historico de filiação, e não ao processo comparativo, cuja applicação e interpretação, do mesmo modo que succede com a observação e a experimentação, tem de ser dirigida pela concepção racional do desenvolvimento humano. O methodo historico, proprio da Sociologia, consiste no estabelecimento da dependencia dos estados consecutivos da humanidade, subordinando sempre as minuciosidades ao conjuncto da civilisação. Sem esta condição logica, como diz Augusto Comte, qualquer trabalho historico não passa de uma simples compilação de materiaes provisorios. Ranke traçou com precisão o fim do historiador. «O fim do historiador que emprehende uma historia universal, escreve elle, é descobrir o *encadeamento dos factos*, seguir a marcha dos grandes acontecimentos que unem e dominam todos os povos.»¹

A *Historia Universal* do snr. Pedroso não obedece a uma tal condição, nem mesmo assenta n'uma base chronologica; além d'isso as civilisações estão dispostas por uma ordem arbitraria sem relação de contiguidade ou de continuidade; notando-se portanto a ausencia do criterio de filiação, tanto no *tempo*, como no *espaço*, para nos servirmos das proprias palavras do auctor. Como veremos, este compendio nem sequer é uma simples compilação de materiaes provisorios, porque a narração dos factos, além de deficientissima, é demasiadamente superficial, inintelligivel e até com frequencia falsa.

Em tudo isto vemos a indisciplina mental do snr. Consiglieri Pedroso, que da Philosophia positiva só possui umas leves tinturas, apanhadas na nomenclatura dos livros modernos, e essas mesmas empregadas a medo para não assustar o eclectismo accommodatio da Junta consultiva de instrucção publica.

A falta de plano, que se observa em todo o livro, torna-se evidente logo na successão das civilisações da antiguidade que é a seguinte: Egypto, Assyria e Babylonia, Phenicia, Judéa, Media e Per-

¹ *Hist. Univ.*, t. I, pag. VII.

sia, India, China, Grecia e Roma! As razões, apresentadas pelo auctor em defeza d'esta absurda successão, no prologo do Compendio, são pueris e revelam apenas uma desorientação lastimavel. Só um plano de coordenação synthetica podia dar a cada uma d'essas diversas civilisações a sua collocação hierarchica. O snr. Pedroso divide ainda a *antiguidade* em *oriental* e *classica*, deturpando esta ultima designação que se refere unicamente aos progressos litterarios e artisticos! Foi uma innovação estulta. As civilisações grega e romana, devia elle reunil-as, é certo, mas sob a denominação de *Antiguidade occidental*, contraposta naturalmente á designação de *oriental*, e exprimindo, sobretudo, a solidariedade com a civilisação medieval e moderna. Eis mais uma prova da falta de comprehensão da evolução historica, que desastradamente o auctor revela a cada pagina.

A ausencia de chronologia não é menos evidente em toda a obra do que a falta de plano, substituindo o auctor a precisão de datas pelas phrases vagas e indeterminadas de *seculos depois*, *mais tarde*, *logo*, *em seguida*, e outras, que não poucas vezes conduzem a interpretações erroneas e absurdas, como adiante mostraremos.

Mas, sobretudo, o que mais espanta é a absoluta falta de criterio, com que o auctor effectuou esta compilação, deixando de mencionar factos importantes e indispensaveis para a comprehensão da marcha historica, ao passo que enche linhas e linhas com minucias de somenos valor, principalmente n'um livro elementar. É uma consequencia da falta de plano e de ponto de vista pedagogico, pois que o individuo que se propõe a escrever para instruir a mocidade deve antes de tudo saber distinguir o necessario do dispensavel, afim de não fatigar com cousas inuteis a memoria dos principiantes. O sr. Consigliere Pedroso não prestou attenção aos principios mais rudimentares da pedagogia e por isso fez um resumo sem nexos, sem clareza, sem ordem, onde os factos são mais alludidos do que narrados e onde as diversas civilisações tomam o character de enigmas indecifreveis.

Se d'estas considerações geraes passamos a uma analyse mais particular, teremos a confirmação do que temos avançado. Saltemos por cima da introduccão, visto que o espaço não nos sobra, e entremos nas civilisações da antiguidade, no Oriente, onde o snr. Pedroso mostra ignorar a ultima palavra da sciencia, apesar de pertenciosamente escrever no prologo: « É esta a primeira vez que n'um livro elementar, tanto em Portugal como na Hespanha, podemos dizel-o sem receio de sermos desmentidos, a historia universal apparece claramente systematisada e ao corrente das ultimas descobertas »! A propria obra dá um desmentido formal a este brado de immodestia revoltante. Na *Antiguidade oriental*, o auctor

limitou-se a resumir, e a resumir pessimamente, o *Manuel d'histoire ancienne de l'Orient* de F. Lenormant, um excellente livro, embora um pouco atrazado (1869) em consequencia de novas descobertas e de estudos mais recentes, alguns devidos ao proprio sabio francez e outros a Cesnola, Schliemann, a Lang, etc. No emtanto, apressamo-nos a confessal-o, esta obra nas mãos de um pedagogista consciente forneceria todos os elementos essenciaes para uma boa compilação. O snr. Consiglieri Pedroso é que não os soube aproveitar.

Occupando-se da historia politica do Egypto, nada diz sobre as suas origens e desenvolvimento organico; nem uma palavra sobre as diversas populações ou tribus em que se dividiam os Egyptios, nem tão pouco se refere ao triumpho alcançado pelo poder politico e hereditario sobre a auctoridade theocratica. Limita-se a escrever: «Os reis a partir de Mena intitulam-se *reis do alto e do baixo Egypto*, e pouco a pouco vão realisando a unidade administrativa do paiz sob a fórma monarchica », (p. 34) como se por ventura os reis podessem effectuar essa unificação sob a *fórma republicana*! Dando uma imperfeita noção dos *nomos*, preocupa-se mais com o seu numero, como se os estudantes tivessem precisão de saber se eram trinta e seis ou quarenta e quatro. Não diz porque a capital do Egypto foi transferida na sexta dynastia de Memphis para Abydos, nem porque merece o epitheto de notavel a rainha Nitocris, mas affirma que durante o antigo imperio «o paiz gosou d'uma tranquillidade interna profunda, sem se vêr envolvido em nenhuma guerra estrangeira »! (p. 35). E as luctas intestinas que desthronaram tantos monarchas? e a lucta contra o poder sacerdotal? e a revolta dos nomarchas? e as invasões dos negros do Alto Nilo no tempo de Papi II? e antes as victorias de Khuwu sobre as tribus nomadas da Arabia? O snr. Consiglieri Pedroso passou a esponja sobre tudo isto e fantasiou uma historia, não *ad usum delphini*, mas infelizmente para uso dos alumnos dos lyceus nacionaes e brazileiros. E vai por ahi fóra saltando por cima dos factos, como — permitta-se-nos a expressão popular — como gato por cima de brazas. Ao nomear os principaes reis da decima-oitava dynastia passa para os da decima-nona, (p. 37) sem ter uma palavra ao menos para a época de revoluções internas e de tumultos religiosos que separa as suas dynastias! E continúa sempre. Da civilização do Egypto dá-nos uns traços incaracteristicos e ácerca da religião umas ideias vagas e inintelligiveis para os alumnos. Como explicar mais tarde a influencia do Egypto sobre os Hebreus, os Phenicios e os Gregos? Verdade é que para o snr. Pedroso pouca importancia tem o encadeamento das civilizações.

Da historia do Egypto salta o auctor para a historia da Assyria

e Babylonia, omitindo a Chaldéa, cuja civilização tem sido desvendada nos ultimos tempos por valiosissimas descobertas. É certo que incidentemente faz referencias a esse antigo povo, mas revelando ignorancia dos modernos trabalhos historicos, confunde-o com os Assyrios e os Babylonios. Equivalente confusão seria misturar com a historia de Portugal a da Lusitania, ou com a da Italia a dos Romanos. Na realidade, assim como a civilização do Egypto subiu o curso do Nilo, tendo varios periodos de civilização, os povos da Asia anterior fundaram subindo o curso do Euphrates tres civilizações successivas, mas distinctas: 1.^a Chaldéa, 2.^a Babylonia e 3.^a a Assyria. A confusão do sr. Consiglieri Pedroso é em parte devida a Lenormant, a quem elle segue ás cegas, reunir sob a denominação de *Assyrios e Babylonios* esses tres fôcos da civilização oriental. Não poderá, porém, attribuir-lhe erros palmares como os seguintes: « No momento em que os Medos commandados por Cyaxares invadiram a Assyria, occupando todo o territorio até á margem esquerda do Tigre, reinava em Babylonia Nabopolassar, que em seguida se proclamou independente, aproveitando o ensejo para estabelecer a sua suzerania sobre o Elam, a Mesopotamia, Syria e Palestina » (p. 47). Ouçamos Lenormant: « Enviado a Babylonia como satrapa ou prefeito, porque Assurédilili, havia vinte e dois annos, privára esta orgulhosa cidade do direito de ter um principe seu e fizera d'ella uma dependencia directa do throno de Ninive, Nabopolassar que sem duvida para obter este favor representára ao pé do monarcha assyrio o papel de corteção, concebeu logo o projecto de substituir seu amo e libertar para sempre o seu paiz natal. Enviou delegados ao rei dos Medos, que acabava de fundar um imperio consideravel e um poder militar de primeira ordem... Este rei era Cyaxare... Nabopolassar tramou com elle uma conspiração contra o poder ninivita e para sellar a alliança casou seu filho Nabuchodonosor... com a filha do rei da Media. Bem depressa a morte do rei assyrio forneceu-lhes a occasião que esperavam para se declarar. Cyaxare sitiou Ninive, e Nabopolassar, proclamando-se rei, enviou-lhe numerosas tropas auxiliares para o ajudar na empreza ¹. » Da narração do escriptor portuguez quem deduzirá todos estes factos?

Mais adiante escreve o snr. Pedroso: « Por duas vezes o monarcha babylonio (Nabuchodonosor) tomou Jerusalem. Da primeira levou como prisioneiro o rei Joakim II e os principaes do reino. Da segunda arrasou a cidade, incendiou o templo, e levou para a Chaldéa com o rei Sedecias toda a população, que no paiz podia consti-

¹ Manuel d'Hist. ancienne de l'Orient t. II, p. 215.

tuir um nucleo de resistencia », etc. (p. 47). As cousas não se passaram assim. Ouçamos outra vez Lenormant: Nabuchodonosor (602 a. C.) « atacou Joakim, rei de Judá, impoz-lhe um tributo e levou para Babylonia numerosos refens, com uma parte dos vasos sagrados do templo de Jerusalem; mas ainda não haviam passado tres annos e já o principe hebreu se revoltava, contando com o apoio do Egypto, que nada fez na realidade para o sustentar, e morria pouco depois deixando sobre a cabeça de seu filho Jechonias todo o peso das consequencias de sua rebelião » (p. 221). Jechonias apenas reinou tres mezes vendo-se forçado a entregar-se a Nabuchodonosor que entrando em Jerusalem, saqueou o templo e o palacio, levando prisioneiros dez mil homens de armas, além dos ferreiros, armeiros e outros artistas, e deixando no throno Sedecias, tio do principe preso. O novo rei, nove annos depois, tentou sacudir o jugo do monarcha de Babylonia, mas este « irritado marchou de novo contra Jerusalem » que aguentou dous cercos, succumbindo emfim pela fome. Sedecias, tendo sido feito prisioneiro foi levado a Nabuchodonosor « que fez morrer seus filhos na sua presença, vasou-lhe os olhos e levou-o carregado de ferros para Babylonia (588). Um mez depois Nabuzardon, comandante das guardas do monarcha babilonio, entrou na cidade e deu logo começo á obra de destruição. O templo do Senhor e o palacio real foram queimados; o summo sacerdote foi degolado com sessenta dos principaes habitantes e todas as familias da classe superior que não se tinham occulto no deserto foram conduzidas para o captiveiro » (p. 223). Da primeira vez que Nabuchodonosor venceu os Hebreus não lhes aprisionou o rei; fel-o, porém da segunda, quando Joakim havia já fallecido e estava no throno seu filho Jechonias. Da última vez prendeu Sedecias, mas só um mez depois é que começou a obra de destruição, confiada a Nabuzardon. Vêem, portanto, os leitores como o snr. Pedroso escreve a historia!

A cada uma das antigas civilisações consagra poucas paginas o auctor. Em tres paginas e meia vem toda a historia da Phenicia, assim como a Assyria e a Babylonia em cinco e o Egypto em seis. Que ideias podem os estudantes colher ácerca dos Phenicios no compendio do snr. Pedroso? Ideias bem erroneas decerto. As contradicções caminham a par dos erros. Depois de afirmar que os Phenicios em tempo algum constituiram uma nação, logo sete linhas adiante, diz que Sidon e Tyro *exerceram successivamente a hegemonia entre os demais grupos de população*. O auctor dá ainda como completamente historico o typo de Dido ou Elissar, cantado por Virgilio na *Eneida*; pois Lenormant escreve bem claramente que esse typo feminino « tornou-se mais tarde na lenda popular e

nos poetas, quasi inteiramente mythico, e a narração da fundação de Carthago foi rodeada de circumstancias fabulosas ¹. »

Segue-se a historia da Judéa e a infelicidade continúa a perseguir o sr. Consiglieri Pedroso. Começa por descrever as tradições biblicas e as lendas religiosas sem o minimo commentario, apresentando-as como historicas. Transigencia do auctor com o mundo official, decerto, porque não podemos acreditar que desconheça completamente os modernos trabalhos criticos, mas transigencia indigna de um homem de sciencia. O snr. Pedroso, além d'isso, não distingue as designações de Judéa, de Hebreus, e de Israelitas, nomes que representam épocas distinctas da vida historica d'este povo. Resumindo o Genesis, reduz a antropologia do capitulo x, importantissima para se conhecer a situação das raças humanas da antiguidade, á lucta de Caim e Abel, (p. 59) sem avaliar comtudo a sua significação, o conflicto entre as raças agricolas e pastoraes. « Caim matou seu irmão por ciumes », escreve o auctor, e os alumnos que não saibam já essa lenda hão de suppôr que foi o amor por uma mulher a causa d'esse assassinato. Oito linhas apenas! Mas o diluvio é narrado em dezeseite! Os patriarchas, que para Lenormant, apesar de catholico, não têm realidade historica e que Renan provou serem *personificações toponymicas* são apresentados pelo snr. Consiglieri como homens de carne e osso como elle! Jacob recebe *por um estratagema a benção paterna*, (p. 62) mas o estudante debalde dará tractos á imaginação para adivinhar que estratagema foi esse, pois que o auctor não lh'o diz. Os descuidos d'este genero são constantes. Mais adiante narra o auctor que José foi chamado pelo Pharaó para lhe explicar os sonhos das sete vaccas gordas e das sete espigas fartas que eram devoradas por sete vaccas magras e por sete espigas delgadas, « explicando-lhe com effeito o filho de Jacob o sentido occulto d'aquella visão. Admirado da perspicacia de José, o Pharaó nomeou-o seu ministro, etc... Em seguida organisou sabiamente a arrecadação dos cereaes de modo que, quando chegaram os annos de fome... » Aqui necessariamente o alumno que estudar por este compendio ha de parar surprehendido. O snr. Pedroso esqueceu-se de explicar o sonho... ou suppoz que cada estudante tinha a perspicacia de José!

Não podemos seguir passo a passo o auctor não só porque isso seria demasiadamente fatigante para os leitores, como porque o

¹ Loc. cit., vol. III, p. 73.

espaço nos falta. Deixemos, portanto, a historia da Media e da Persia, de que elle nos falla antes de se occupar dos povos aricos, as paginas charadisticas ácerca das civilisações dos Aryas com as suas inutilidades, como a exposição dos mythos epicos, a historia da China, reduzida a meia duzia de factos sem ligação e estultamente intercalada entre a India e a Grecia, como Pilatos no credo; deixemos mesmo a antiguidade... *classica*, a historia da Grecia, cuja exposição não se eleva acima dos compendios de Doria e de João Felix, apesar de na bibliographia citar Grote, Duncker, Curtius, Weber, Paparrigopoulo e outros hellenistas, e a historia de Roma com todas as suas inexactidões e falta de luz. Comtudo, faremos antes algumas observações. Emquanto á Grecia, é de estranhar que sobre a civilisação de Alexandria nada nos diga, apesar de ser indispensavel o conhecimento d'esta civilisação para se comprehender depois a propagação do estoicismo entre os Romanos e a doutrina dos Padres da Egreja. Tal lacuna só se explica porque o auctor não vê na historia universal o encadeamento dos factos por falta do verdadeiro criterio historico de filiação. Na parte romana, nem de leve se refere ás razões que motivaram a lucta do Patriçiado e Senado contra o povo, e as revoltas contra as instituições territoriaes, o advento da plebe ou dos clientes formando um novo elemento social e emfim a acção unificadora do Poder imperial sobre todos estes elementos.

Fallámos de inexactidões, devemos proval-as. O manancial é rico e abundante como na *Antiguidade oriental*. Abramos á sorte a parte dos Romanos. Pagina 203, por exemplo. *Septimio Severo*. Escreve o snr. Pedroso: «Depois de ter vencido os seus rivaes Niger e Albino, Septimio Severo pôde gosar de alguns annos de tranquillidade, até que uma revolta na mal submettida Bretanha, o obrigou a ir áquella região.» Consultemos Duruy, cuja auctoridade o auctor é o primeiro a reconhecer. Depois dos generaes de Septimio Severo terem vencido Niger e elle proprio derrotar Albino, como diz com effeito Duruy, «Severo podia descançar... Mas,» — esta adversativa não a viu o snr. Consiglieri Pedroso, — «mas, durante a guerra das Gallias o rei dos Parthos, Vologese iv invadira a Mesopotamia e sitiou Nisibe, que um general chamado Laetus havia difendido com denodo, e a revolta da legião da Arabia provava que no Oriente os fogos da guerra civil estavam mal extinctos. Severo tornou a vestir as armas e terminou com extrema diligencia todos os seus preparativos.»¹ Em vez de gozar de tranquillidade,

¹ *Hist. des Romains*, vol. vi, pag. 69.

Severo tomava á força a cidade real dos Parthos e fazia cem mil prisioneiros. É verdade que depois de inspirar por esse meio um temor salutar aos violadores das fronteiras poudo emfim gozar dezoito annos de repouso. Por que foi interrompido este repouso? Diz o auctor, como vimos, que uma revolta dos Bretões obrigou o imperador a ir áquella região. Escutemos Duruy: « Não podia haver n'esta extremidade do imperio taes perigos que para os conjurar o velho imperador gotoso e enfermo fosse obrigado a emprehender uma tão longinqua viagem e fazel-a durar tanto tempo. As legiões da Bretanha tinham sido sufficientes, até então, para conter esses montanhezes pobres e necessariamente pouco numerosos nos seus cantões estereis. *Mas elle queria subtrahir seus filhos (que mutuamente se odiavam) á influencia de amigos perigosos, assim como as suas legiões á ociosidade; sahido dos campos, onde tinha começado a sua fortuna, ahi voltava antes de morrer para a fixar na sua casa.* » ¹ Severo não teve de ferir uma unica batalha. O snr. Consiglieri continúa assim: « A expedição não foi, porém, feliz, por isso que os romanos tiveram de desistir de assenhorear-se das montanhas da Caledonia em vista da incessante guerra de guerrilhas que os habitantes faziam ás legiões, contentando-se em levantar uma muralha etc. » (p. 204) Realmente os Romanos perderam bastante gente nas surpresas das guerrilhas, mas valha-nos mais uma vez Duruy, para sabermos como terminou essa expedição: « Em 210, a submissão dos Barbaros parecendo assegurada *por um tratado que os obrigava a ceder uma parte do seu territorio*, elle (Severo) juntou aos titulos que recordavam as suas victorias orientaes o de *Britannicus*, que Antonino tambem tomou. Em lembrança *d'este ultimo triumpho* do conquistador africano, o senado fez cunhar uma medalha representando dois Caledonios ligados ao tronco de uma palmeira. » ² E diz o snr. Pedroso que a expedição não foi feliz!

Passemos adiante. Chegamos á *Edade media* e desde logo vemos reflectir-se n'ella, para a sua comprehensão, a falta de criterio com que o auctor compilou os factos da antiguidade occidental. A descoordenação prosegue sempre. A lucta entre os povos da Edade media narra-a o snr. Pedroso, como o pôde fazer qualquer individuo que não possua a minima noção philosophica. A formação das novas nacionalidades fluctua ao acaso. O auctor não percebe que esse movimento é a continuação do conflicto entre a liber-

¹ Idem, pag. 138.

² Idem, pag. 139.

dade territorial, representada nas *Communas*, e a unidade imperial representada pelo papado e pelas monarchias dynasticas. A separação dos dois poderes, temporal e espirital, a dissolução crescente do regimen catholico-feudal, a transformação progressiva da actividade militar, propria da antiguidade, em actividade industrial, peculiar ao estado normal da humanidade, tudo isto debalde se procurará n'este livro, apesar do auctor gostar de se fazer passar por positivista. Ninguém ainda comprehendeu melhor a Edade media do que Augusto Comte; mas o snr. Consiglieri Pedroso é que ainda não se deu ao incommodo de o lér. Elle proprio no meio da sua immodestia confessa no prologo que não systematisou scientificamente a Edade media. «Com relação á historia da *Edade Media*, escreve elle, mais que nenhuma outra confusa se não é scientificamente systematisada, parece-nos ter realisado um apreciavel progresso, não só a respeito dos nossos predecessores em Portugal, mas até no estrangeiro.» (p. 5) A isto responde a voz do povo: Presumpção e agua benta, cada qual toma a que quer. O snr. Pedroso pôde até julgar-se o primeiro dos historiadores; os factos, porém, é que não lhe dão razão.

Os erros e as falsidades historicas pululam ainda aqui como os cogumelos nos monturos. Abramos o livro mais uma vez ao acaso. Pagina 247, por exemplo. Lemos ahí quasi no fim: «Foi no reinado seguinte que Henrique v, filho e successor de Henrique iv, terminou a contenda pela concordata de Worms (1122).» O alumno, que estudando portuguez leia este periodo, perguntará em que reinado foi que Henrique v fez a concordata? No seu proprio reinado, decerto; mas o snr. Pedroso affirma que foi no seguinte. «Estabeleceu-se n'este tratado, continúa o auctor, que d'ahi por diante o imperador, como soberano temporal, daria a investidura temporal pelo sceptro, enquanto que o papa, como soberano espirital, daria a investidura espirital dos beneficios pela cruz e pelo anel.» Não só o auctor não diz com quem foi celebrada a concordata, (Calixto II) como redigiu com a costumada obscuridade este periodo. Pelo tratado de Worms dava o imperador aos bispos a investidura do sceptro e o Papa a investidura do báculo, *crose*, que erradamente o auctor traduziu por cruz! «Assim o plano de Gregorio VII, prosegue o snr. Consiglieri, tinha falhado, e a lucta terminava por uma transacção em que de certo a Igreja não levava a melhor.» (p. 248) É o contrario exactamente o que affirmam os historiadores. No concilio de Reims, d'onde emanou a concordata, o papa Calixto II sustentou *os verdadeiros principios*, diz Zeller, os quaes não é de crêr que fossem adversos ao dominio da Igreja. De facto não o eram, pois que Henrique v «em vão tentou ainda pôr objecções,» vendo-se forçado a ceder. «N'este ponto

Gregorio VII vencera, » dil-o Zeller ¹. O snr. Consiglieri Pedroso continúa a vêr tudo ao inverso; Lenormant, Duruy, Zeller, todos os historiadores acham-se sempre em opposição. Triste sina a do auctor! Mas prosigamos na analyse; ha mais e melhor. « Com Henrique V, diz o snr. Pedroso, extingue-se a casa de Franconia. O throno passa então com Conrado III, para a casa de Suabia, cujos duques eram os Hohenstaufen. » (p. 248). Os estudantes necessariamente hão de persuadir-se que foi Conrado III o successor de Henrique V, e que elle passou com o throno para a casa de Suabia, talvez por adopção. Ora entre um e outro monarcha ha Lothario de Supplimburg, que de 1125 a 1137-teve nas mãos o poder, presidindo e tomando mesmo parte em acontecimentos importantes da lucta entre a supremacia do papado e o dominio imperial. O schisma entre Innocencio II, e Anacleto II, o accordo sobre a herança dos bens da condessa Mathilde, o juramento prestado por Lothario á Santa Sé, perpetuado n'um quadro com a divisa *Rex homo fit papa*, tudo é letra morta para o snr. Consiglieri Pedroso. Dos quinze annos do reinado de Conrado III, e da contestação que soffreu durante todo esse tempo a sua eleição na Allemanha não diz uma só palavra o auctor, apesar do interregno de paz contribuir efficazmente para o desenvolvimento da nova Italia. Os 38 annos que esteve no throno Frederico Barbaroxa (1152-1190), prenhes de factos importantes, resume-os o snr. Pedroso em vinte linhas, deixando no tinteiro o famoso S. Bernardo, « que então representava a fé, a regra e a virtude » e anathematisava Arnaldo de Brescia; os pontifices Lucio II, Eugenio III, Adriano IV, Victor III, e o anti-papa Paschoal IV, têm igual sorte. Só escapou Arnaldo de Brescia, Innocencio II e Alexandre III, mas em que estado! « Arnaldo de Brescia, escreve o snr. Consiglieri, tentara implantar em Roma o regimen politico (cidades organisadas em republica) que triumphara por toda a peninsula, e expulsara d'esta cidade o Papa Innocencio II (1141). » (p. 248) O que aqui vai! Tentemos desembaraçar esta meada. Arnaldo de Brescia (o auctor crê que os alumnos não precisam saber quem era este personagem historico), um frade italiano, discipulo de Abailard, tirando « as consequencias praticas das doutrinas theologicas do celebre dialectico de Santa Genovena, » como diz Zeller, ² começou a prégar na sua patria e nas cidades lombardas contra o poder politico e territorial da Egreja; contestava

¹ *Histoire résumée de l'Italie*, pag. 130.

² *Ob. cit.*, pag. 161 e 162.

aos frades o direito de propriedade, aos bispos os direitos realengos e a todo o clero em geral a posse dos feudos; queria a separação completa dos dois poderes, o espiritual e o temporal, reservando para a Igreja o primeiro e apenas o dizimo dos fructos da terra. « Arnaldo de Brescia, diz Zeller, trazia alguma cousa de novo: tropejava contra o governo dos padres, contra as suas riquezas, e propunha dar a Roma a sua liberdade e a sua grandeza pelo restabelecimento da republica. » ¹

O papa Innocencio II, vendo-se ameaçado em Roma pela effervescencia revolucionaria produzida pelos discursos de Arnaldo, reuniu um concilio em 1139, fulminou a heresia e condemnou o auctor a sahir da peninsula italica. Foi Innocencio que exilou Arnaldo, e não este que expulsou aquelle de Roma, como affirma o snr. Pedroso. Como vemos, Arnaldo não se limitava a prégar o estabelecimento do governo republicano, queria principalmente a reforma da Igreja e a separação entre o espiritual e o temporal. Era um ideal mais vasto e incomparavelmente mais grandioso. O snr. Consiglieri Pedroso reduziu-o a proporções mesquinhas, e ainda por cima o despoja do papel sympathico de victima. É certo, comtudo, que Arnaldo, chamado a Roma pelos republicanos, que se tinham fortificado na igreja de S. Pedro, obrigou um pontífice a fugir da cidade eterna, mas este não era Innocencio II, que morrera em 1143, e sim Eugenio III, eleito por morte de Lucio II em 1145. ² Continúa o compilador portuguez: « Frederico, temendo com motivo a resurreição do espirito nacional italiano, apressou-se em esmagar este movimento, fazendo executar o seu promotor. » (pag. 248) Quem dirá ao lêr isto que Frederico só subiu ao throno em 1152 e que só passado dois annos transpôz os Alpes e entrou na Italia? Havia dezeseite annos que Arnaldo iniciára a sua propaganda, e já em quasi toda a peninsula estava estabelecida a fôrma republicana. Na realidade, Frederico não vinha á Italia esmagar o movimento de revivescencia nacional, vinha sómente como « o Cesar mais infatuado dos seus direitos » afirmar a sua auctoridade e « sobretudo reclamar á corôa imperial. » ³ Na Peninsula todos estavam dispostos a reconhecerem o como suzerano, o proprio Arnaldo de Brescia não lhe era adverso. Ouçamos Zeller: « O papa, os prelados, alguns senhores descontentes com a feição que as cousas tomavam na peninsula, as cidades mesmo, opprimidas pelos seus visinhos, todos lhe pe-

¹ Ob. cit., pag. 161-162.

² Ob. cit., pag. 163.

³ Ob. cit., pag. 165.

diam que transpuzesse os Alpes. A maior parte dos Italianos estavam dispostos a acolhel-o bem... Dominados ainda, apesar dos seus pensamentos de libertação, por um respeito supersticioso pelo nome magico de imperador, *quasi tão respeitavel para elles como o de republica*, pretendiam alliar os direitos da sua liberdade com os seus deveres de obediencia e de homenagem ao seu soberano ultramontano. Milão, a mais independente das cidades lombardas, não contestava os direitos suzeranos do Cesar feudal sobre a Italia; os Romanos, no meio do delirio de imaginação que presidia á renovação da antiga republica, *trabalhavam para a maior gloria do imperador*, o qual receberia do restabelecimento de um senado livre e independente um esplendor inteiramente novo. Até o proprio Arnaldo de Brescia achava modo de fazer concordar nos seus projectos, bem como nas suas lembranças de independencia a republica com a auctoridade de um imperador, investido não já pela Santa Sé, mas pela propria Roma.»¹ Que motivo tinha Frederico para temer a resurreição do espirito nacional, se ella estava quasi consummada, sem em cousa alguma ter abalado a suzerania imperial? O snr. Pedroso escreve historia com uma leviandade inaudita, para não dizermos criminosa. Como vimos, Frederico não se apressou a esmagar um movimento que elle não podia reccer; vinha á Italia receber a corôa imperial, e tanto o papa, confinado na cidade Leonina, como a republica romana se offereciam para o coroar, aquelle na basilica de S. Pedro, e esta no Capitolio. O papa Adriano IV, inimigo declarado de Arnaldo de Brescia, propunha entre as condições da coroação do imperador o castigo do grande revolucionario. Frederico, homem *demasiadamente do seu tempo*, despediu os deputados da republica, recordando as tradições do imperio preferiu ser coroado na basilica de S. Pedro, e aceitou as propostas do pontifice. A cidade foi tomada de surpresa e Arnaldo, cahindo prisioneiro, foi « entregue ao papa, queimado em frente do Corso de manhã cedo e as suas cinzas deitadas ao Tibre.»² Adriano IV, e não Frederico Barbaroxa, foi o algoz do grande apostolo da liberdade! O snr. Consiglieri Pedroso é contumaz nas inexactidões historicas.

Se continuassemos a analyse veriamos logo o auctor ensinar aos alumnos que « em 1183 o tratado de Constança regulou definitivamente as relações entre o imperio da Allemanha e a Italia » (pag.

¹ Ob. cit., pag. 165.

² Ob. cit., pag. 166.

248), ao passo que Zeller demonstra que elle « nada resolvia definitivamente » sendo vantajoso para as cidades lombardas, mas não assegurando a independencia da Italia ¹; veriamos cahir em anachronismos e mistificações imperdoaveis, como por exemplo: « A Frederico Barbaroxa succedeu seu filho Henrique vi, o qual em virtude do seu casamento com Constança, filha e herdeira de Rogerio ii, rei da Sicilia, estabeleceu no sul da Italia o dominio da casa de Suabia. Innocencio iii, então Papa... » (pag. 248). Henrique vi subiu ao throno em 1190, no pontificado de Celestino iii, e morreu em 1197; só no anno seguinte, em 1198, é que Innocencio iii foi eleito pontifice. Outro exemplo: « Innocencio voltou-se de novo para a casa de Suabia e fez reconhecer imperador o joven Frederico ii, filho de Henrique vi, com a condição, porém, de que devia abandonar as Duas Sicilias. Frederico não se mostrava porém disposto a obedecer a esta imposição, e foi necessario que o Papa o ameaçasse de excommunhão... » (pag. 249) Que Papa? Innocencio iii de certo, pensarão os estudantes e com elles todos que lerem este livro. Pois, não senhores, completo engano! Innocencio iii morreu em 1216, succedendo-lhe Honorio iii, que durante onze annos foi o chefe espirital, sendo eleito por morte d'este, em 1227, Gregorio ix que é o papa a quem o snr. Consiglieri Pedroso se refere. E o pobre Innocencio iii vae carregando com as culpas dos seus successores até o auctor o matar de paixão, passando o pontificado para Innocencio iv! Depois d'isto, injusto será qualquer jury que reprovar em historia os examinandos, emquanto estiver adoptado semelhante compendio; todas as reprovações deverão cahir sobre a cabeça do auctor.

É tal a quantidade de erros que chegamos a convencer-nos que o snr. Consiglieri tem razão ao empenhar-se tanto no prologo a fazer sobresahir o seu compendio sobre todos os nacionaes e estrangeiros. Com certeza sobresa e a todos em falsidades historicas.

Seria inutil cansarmos o leitor com maior numero de provas; as que ahi ficam são sufficientes para se avaliar o merito de um livro, que o auctor apresenta com certo ar immodesto e que, apesar de acabar com o pensamento de Littré sobre a multiplicidade dos focos da civilisação moderna, não possui o minimo valor positivo. Escusado será fallarmos das partes consagradas á Europa moderna e contemporanea, tão opulentas de disparates historicos, como as que deixamos analysadas. Em resumo o *Manual de Historia*

¹ Ob. cit., pag. 177.

Universal é uma falsificação dos productos intellectuaes, tão criminosa, senão mais, do que a falsificação dos generos alimenticios, que todos são unanimes em condemnar, porque se estes podem estragar o estomago, aquelles são um veneno para a mentalidade das novas gerações que confiadamente intoxicam o cerebro com falsas noções de historia ministradas na escola sob a protecção official.

Temos feito esta critica sobre a edição de Paris e só agora, depois de escripta, pudemos vêr a segunda edição de Lisboa ¹ « muito melhorada e correcta » diz o auctor, mas que é mais deficiente ainda do que aquella. No entanto foi approvada pela Junta consultiva de instrucção publica! Esta edição traz, porém, uma novidade, um indice de nomes proprios com a sua pronuncia figurada, o que não passa de uma inutilidade apparatusa.

Vamos terminar. Este exame, talvez demasiadamente demorado, deu-nos a convicção inabalavel de que o ensino da historia universal nos lyceus nacionaes não melhorou em cousa alguma com a substituição dos pessimos compendios do Doria, do João Felix e de Medeiros Botelho por este do snr. Consiglieri Pedroso. Vale mil vezes mais banir da instrucção secundaria o ensino da historia, do que fatigar a memoria dos alumnos com factos sem nexos, noções incompletas e idéas falsas sobre o desenvolvimento e a marcha das sociedades. Sentimos devéras ter de dizer tão duras verdades ao illustre professor do Curso superior de letras; mas a culpa tem-na elle, porque podendo e devendo escrever um bom compendio, claro, positivo e a par da sciencia moderna, preferiu lançar no mercado um livro de fancaria que o deslustra e lhe abala os creditos injustificados de homem de sciencia. Se o auctor não se importa comprometter o seu bom nome, justa ou injustamente alcançado no campo das letras, devia pelo menos ter mais respeito pelas corporações scientificas estrangeiras que o têm honrado com os seus diplomas.

TEIXEIRA BASTOS.

¹ *Compendio de Historia Universal* por Z. Consiglieri Pedroso, lente de historia universal no Curso superior de letras (seguem-se os titulos, honras e distincções de s. exc.^a mais augmentados do que na edição de Paris) — Lisboa 1884.

O THEATRO BRAZILEIRO

e as condições da sua existencia

I

Quem se revestir de coragem para abordar a analyse do theatro brasileiro deve estar prevenido de que vae emprehender um escabroso e difficilimo estudo de thanatologia.

Não ha duvidal-o; abra-se um manual qualquer d'esses que pretendem historiar a desenvolução das lettras patrias, o *Brésil Littéraire* de Wolf, o *Curso elementar de Litteratura nacional* do conego Pinheiro, o velhissimo *Curso* do velho Sotero dos Reis ¹, e a primeira observação, que ha de borbulhar á tona do pensamento de quem quizer vêr, será necessariamente a seguinte: — a dramaturgia no Brazil é indigente, é quasi nulla.

Já em seu tempo Alvares de Azevedo lastimava essa penuria e depois d'elle foram glosadas sobre esse thema umas quantas parlandas de criticos dyspepticos.

Os estudos de psychologia social, as tentativas de caracterisação das idyosincrasias nacionaes apresentam, não raro, obscuridades impenetraveis ao olhar do analysta actual, sabemol-o bem; não se nos

¹ Não faço referencia á obra inquestionalmente vultuosa do dr. Sylvio Romero, *Introdução á Historia da Litteratura brasileira*, por estar ainda inacabada, não dando, por isso, noticia da epocha de maior actividade no proscenio brasileiro.

afigura, porém, ser dos mais apavorantes o caso em questão e d'esses que escorjam a curiosidade dos criticos.

*

Antes de nossa independencia politica só deve ser contado, como aptidão para o theatro, o comediographo *Antonio José da Silva* (1705-1739). Seu engenho mais que muito estimavel, o valor social de suas *Operas*, sua capacidade lyrica e até que ponto vae sua originalidade artistica são pontos desde muito liquidados e sobre os quaes não adianta insistir. Si fosse posto em duvida seu merecimento, bastaria lembrar como elle trazia infeitiçada a sociedade lisbonense que ia ouvil-o no Bairro Alto. Pelo menos é irrecusavel que estava na altura da epocha, quero dizer, d'aquelle momento historico da nacionalidade portugueza.

Porém mesmo este unico ficará á margem si quizermos expungir de toda jaça o que pudermos chamar theatro nacional.

Si Gregorio de Mattos, si os lyricos mineiros, si Bazilio da Gama, Durão, etc., são genuinos brazileiros pela indole artistica, pela maneira de poetar, não é facil asseverar o mesmo de *Antonio José*.

Depois de declarada nossa autonomia politica, si a inopia não é a mesma, não tenho receio de deparar com que infirmar a these que enuncia o titulo d'este escripto.

Teve curso e acceitação por entre os litteratos da geração passada que ao *Visconde de Araguaya* (Gonçalves de Magalhães) cabia de todo o direito a gloria de ser o fundador do nosso theatro. É bem verdade que seu nome ficou para sempre ligado á historia dos primeiros arremessos para a introdução do Romantismo n'este paiz. É certo igualmente que elle um dia sentiu-se arrastado por essa utopia — o theatro brazileiro, — mas os alicerces que elle cavou não foram bem lançados, ou eram nimamente debeis para supportar o peso da construcção que se desejava levantar sobre elles.

De todas as suas tragedias, a que conseguiu de alguma fôrma impressionar o publico brazileiro mais duradouramente foi o *Poeta e a Inquisição* que o auctor orgulhára-se de ser a *primeira tragedia escripta por um brazileiro e unica de assumpto nacional*. Porém esta mesma já é uma reliquia litteraria que, ha muito, debandou da memoria do publico.

A tragedia é falsa debaixo do ponto de vista historico, e a vida real do malaventurado *Judeu*, tão salpicada de transes tristissimos, nua de todo effeito scenico, chãmente narrada, tem muito mais interesse do que qualquer tragedia ou romance. Prefiro a tudo isso a detalhada biographia de Varnhagem no seu *Florilegio da Poesia brazileira*.

Póde-se ainda acrescentar que o protagonista escolhido não é um d'esses nobres vultos em cujo peito rodopiem estrugindo os anhelos, as paixões, as dôres, as alegrias de uma raça; que para attestar sua qualidade de americano levanta-se apenas o facto crú de seu nascimento.

Assim será facilmente explicado por que foi tão ephemero o ruido feito em torno do *Poeta e a Inquisição*, que, incontestavelmente, é de leitura facil e attrahente, com vivacidade de acção.

As outras peças que nos deixou Magalhães são: — *Olgiato*, assumpto da historia milaneza; *Othello*, traducção da macaqueação de Ducis; e algumas outras excluidas da collecção publicada e que se foram atufando no olvido que hoje as soterra, fossilizando-as.

Apesar de reconhecer o valor occasional e intrinseco das producções do illustre auctor, entendo que não tiveram vulto bastante para encher uma lacuna que se cava profunda na historia intellectual do Brazil.

O primeiro impulso, porém, estava dado e todos accorreram pressurosos, como arrastados por uma seducção irresistivel.

As fortes commoções do auctor dramático, as alternativas de victoria e queda, adivinhadas em milhares de pupillas que rutilam na plateia, a tempestade pairando por sobre todas as cabeças, prestes a desfechar-se no estrepito rasgado de uma pateada medonha ou n'um estalar phrenetico de palmas, são para excitar as almas impressionaveis dos artistas, principalmente a dos artistas românticos apaixonados pelas visualidades e phantasmagorias.

Assim os nossos engenhos castiços e as nossas mediocridades mais chatas precipitaram-se todas pelo mesmo pendor.

Alvares do Azevedo, não podendo escrever um drama, escreveu um tresvario litterario dialogado, que traz de mistura uns laivos das nebulosidades phantasticas do *Fausto*, do satanismo byroniano, envoltos na melancolia morbida de uma cabeça incomprehendida. É o *Macario*.

Tambem vieram experimentar suas forças *Joaquim Norberto de Sousa e Silva*, *Teixeira e Sousa*, *G. Dias*, *P. Guimarães*, *F. Tavora*, *Machado de Assis*, *R. de Sampaio*, *J. de Brito*, etc.¹

Os dramas de *José de Alencar* podemos qualificar-os de mediocres.

¹ Não tenho pretensão a ser completo n'estas citações, nem de tal havia mister. Poderia, para engrossar a lista, citar Varella que, affirmam, deixou tres dramas em verso: *Fundação de Piratininga*, *Ponta Negra* e o *Demonio do Jogo*; Domingos Olympio, que tem muito pronunciada a *vis comica*, mas que ha algum tempo recolheu-se ao silencio; Arthur Azevedo e mais. Não será isso, porém, que mais afeie este escripto, penso.

Alguns tractos de effeito, boas phrases, desenho de costumes... porém, certo não lhe augmentam o brilho da aureola litteraria.

Joaquim Manoel de Macedo deixou-nos um grande numero de comedias e dramas. D'entre as suas peças dramaticas destacam-se algumas como *Cego e Colé* a que não faltam estylo e animação. No emtanto é convicção minha que o verdadeiro espirito comico anda muito arredio das *Torre em concurso*, dos *Phantasma Branco* e mais.

Castro Alves deu-nos o *Gonzaga*, uma ousadia de estylo gongorico e de imaginação, um poema, talvez, nunca um drama.

Houve, porém, um espirito, na quadra romantica, que com a alacridade de suas forças tornou-se o par de Antonio José. Refiro-me a *Luiz Carlos Martins Penna*, o creador da comedia nacional, si é que esse conceito representa alguma cousa de concreto ¹.

Tambem, no drama, *Agrario de Sousa Menezes* alou-se a uma altura não attingida por seus émulos. Seu valor litterario entretanto só poderá ser determinado depois que seus trabalhos, em parte ineditos, tiverem mais lata divulgação.

*

Eis ahi, arrancados ao doce protectorado da obscuridade, os andrajos do que (por uma hyperbole muito patriotica, porém muito atrevida) poder-se-ha chamar theatro brasileiro.

Está completo o quadro.

Mas... mais uma pinclada.

Passei em revista os auctores; será bom, me parece, descansar os olhos um momento sobre os actores.

De toda a historia da scena brazileira, não podemos, por mais *chauvinistas* que sejamos, arrancar senão dois ou talvez tres nomes de actores talhados por moldes destoantes da craveira commum: *João Caetano dos Santos*, *Joaquim Augusto Ribeiro* e *Estella Segefreda*.

O primeiro, impulsionado por Magalhães e Porto-Alegre, inaugurou no palco fluminense a escola romantica. É tradição que foi elle uma vocação miraculosa, irrompendo lucifera, deslumbradora, atravez das trevosidades de uma ignorancia raiando pelo analphabetismo.

Joaquim Augusto foi interprete de outra camada de escriptores e dizem que interprete consciencioso.

¹ França Junior, ultimamente, tem dado á scena umas comedias que muito fazem rir o publico.

II

Haverá, para determinar o debilitamento d'este ramo de nossas lettras, uma razão de psychologia social ou um motivo transitorio, de occasião ou, ainda, será elle a resultante das condições intellectuaes e sensitivas preponderantes na actualidade ?

O theatro está em decadencia, diz-se de toda a parte.

Em verdade, ninguem olhará para os grandes centros, onde a arte e a sciencia scintillam na refulgencia de uma victoria ganha para sempre, sem, do primeiro lance, lobrigar a fermentação de uma crise a diluir toda a engrenagem do theatro.

É uma velharia já mofada afirmar que o romance contemporaneo preoccupa-se denodadamente com a psychologia ou, melhor, com a physiologia do espirito ; que a acção deve subordinar-se ao caracter dos personagens e o auctor annullar-se diante da poeira levantada pelo choque dos interesses desencontrados, pela energia das paixões que se abalroam.

Hoje um romance fabricado segundo os genuinos processos do romantismo nevropathico é intoleravel, mesmo para quem não morre de amores pelo *zolaismo*, que, note-se de passagem, tem os extremos naturaes a toda a reacção.

No tablado dos theatros, porém, o naturalismo só tem encontrado derrotas. É um *in pace* invencivel, fatal, apresentando-lhe a tragica legenda do poeta florentino.

É indiscutivel, creio, que o drama e a comedia presentemente devem ser como o romance — um estudo de temperamentos ; a exposição de algum caso de teratologia individual ou social ; um pedaço de vida d'essas mil colmeias, varias na fórma e nas categorias em que se retalha a sociedade ; a observação de um elemento morbido serpeando atravez de um meio familiar e desdo-brando-se em nuanças sem fim, etc. etc.

Sem isso atrazam-se de sua epocha ; mais ainda, ficam para além de Molière e Shakspeare.

A eliminação do auctor no romance contemporaneo, em vez de favoravel, como deve parecer, julgo-a nociva ao desenvolvimento do drama. Para isso descubro a seguinte razão : O romance naturalista interessa, mesmo aos bolonios de espirito mais impermeavel aos philtros da esthetica, senão pelo apurado lapidamento do estylo, ao menos por um certo desnudamento de cousas que a conveniencia cuidadosamente velava, o que lhes dá o sainete picante de novidade *grivoise*. Ás pessoas de cultura agrada principalmente a segurança dos traços, a exacção e consciencia da analyse, as scintillações attractivas da verdade coada atravez do prisma das individualidades.

O drama não pôde fazer estylo e não possui a flexibilidade (re-piso uma antigualha) precisa para bem traduzir a complexidade da vida moderna, banindo o artificial, o arbitrario, o falso. As fatalidades do meio cosmico e social, as condições ethnicas, a pathogenia de uma desordem organica e outros muitos factos sobre que se apoia a ficção do romance naturalista, escapam aos meios communs de exposição dramatica, ou pelo menos não podem tomar a força e des-envolvimento desejaveis.

Pelo que se pôde observar em um circulo atrazado e pequenino, um circulo provinciano, e pelo que attestam escriptores que vivem em centros mais populosos e opulentos, parece que a musica tende a occupar o logar que o drama vae abandonando.

Victor Hugo disse no celebre prefacio do *Cromwel*: « *La poésie a trois âges, dont chacun correspond à une époque de la société: l'ode, l'épopée et le drame.* » Sem querer, n'este momento, discutir o que ha de inverdade historica no asserto do grande lyrico francez, entendo que, n'um ponto, a razão está em seu favor, e é quando affirma que a epocha do drama é a do Romantismo, porque foi tambem a epocha do illusionismo litterario, e o drama é o que ha de mais convencional em litteratura.

Mas o Romantismo com todas as suas manifestações já se acha envolto nas paginas da historia.

A meu vêr, si alguma das fórmulas que apresenta o theatro actual houver de subsistir, será a comedia.

*

Todo o arrazoado que ahí fica, em fórmula de parenthese, sei-o bem, poderá apenas provar para o presente e futuro do theatro brasileiro; mas como explicar sua esterilidade durante a estação que em toda a parte foi mais que muito fecunda n'este genero litterario?

É força, pois, reconhecer que existe uma causa mais intima, ou seja um defeito immanente no character de nosso povo, ou seja uma razão oriunda do actual momento historico do paiz.

Não inclino-me pela primeira hypothese por uma consideração simplissima: nós somos um prolongamento dos portuguezes, na America, prolongamento modificado pela mestiçagem e acção do meio physico. Si o theatro reinol não pompeia n'uma sumptuosidade asiatica, seu cultivo não é inferior ao dos outros departamentos litterarios; e não tive ainda noticia de quem houvesse demonstrado, com ou sem fundamento, a influencia deleteria do cruzamento das raças, da pujança da natureza ou do calor equatorial sobre o theatro com uma preferencia tão injusta quanto pas-

mosa, quando é certo que todas essas condições favoneiam a poesia em cujo sagrado ambito demora o drama.

Abraço, pois, declaradamente a segunda hypothese.

Sabe-se, segundo Buckle, que a um povo só é permittido o luxo de cultivar a arte e a sciencia quando suas riquezas lhe podem ministrar uma certa dóse de ociosidade, da mesma fórma que nós só podemos decorar nossa casa com uma mobilia de palissandra e quadros do pintor da moda depois que não nos sentimos mais urgidos pelas imperiosas e inilludiveis necessidades da nutrição.

É profundamente exacto e profusamente luminoso o pensar do sociologista inglez. Já não é a primeira vez que procuro tirar-lhe a prova de que a elle me arrimo.

Até o momento presente, em que o problema economico não cessa ainda de ameaçar-nos, a espera da organisação do trabalho, para descer n'um declive mais suave, só a poesia desprende-se de suas fachtas infantis avigorentada pela vitalidade surprehendente de nosso *lyrismo*. Depois d'elle é o *romance* que tem podido preocupar com mais insistencia os nossos homens de letras.

A vez do *drama* virá mais tarde si até lá elle não tiver sido alijado da moderna bagagem litteraria.

Recife, agosto de 1884.

CLOVIS BEVILAQUA.

BIBLIOGRAPHIA

Blason populaire de la France par H. GAIDOZ et PAUL SÉBILLOT.
Paris 1884. xvi-382 pag., pr. 3 fr. 50.

Le Blason libre de la France (pelos mesmos). Paris 1884, 24 pag.
— Extrait de la *Revue de Linguistique*, t. XIV.

Estes dois trabalhos vérsão sobre os dictados e proverbios que se relacionão com a França, ou porque os franceses os empreguem a respeito de outras nações, ou vice-versa.

Occupar-me-hei separadamente de cada um d'elles.

O primeiro divide-se em seis partes principaes: *La France et les Français, Paris, Les provinces de France, Les Frances extérieures* (isto é, paizes de lingua franceza), *Les Frances d'Outre-mer, L'étranger*.

O nosso paiz figura tambem nesse livro, segundo algumas informações que eu dei aos auctores, a seu pedido, e segundo outras que elles obtiverão de fonte diversa. Um dictado nosso que lá falta e que me agora occorre é o seguinte: *roupa de franceses*. Com esta expressão quer-se dizer que se pôde deitar a unha livremente a uma cousa. É provavel que ella nascesse numa epocha de lueta com a França. O sr. Fernando Palha, no seu livro *A carta de Marca de João Ango*, Lisboa 1882, pg. 8, livro que eu devo á amabilidade do A., marca-lhe o sec. xvi; effectivamente a phrase encontra-se já num doc. de 1729, como o sr. Pinheiro Chagas mostrou na sua *Historia de Portugal* (ed. popular), vi, 75.

Percorrendo o livro de MM. Gaidoz e Sébillot, fiz outras notas que vou indicar, porque nestes estudos é preferivel a accumulção de factos a uma noticia rhetorica e balofa.

Pg. 8, n.º 20. — Diz-se em Portugal (cito de memoria, por isso não sei se será completo):

*Senhoria de Italia,
Dom de Hispanha
Não valem uma castanha.*

Pg. 18, n.º 60. — O dictado port. que se ahí cita está incorrecto, deve ser: *Bem canta o Português, papo molhado.*

Pg. 26, n.º 92. — Com o nome *Jacques Bonhomme* personifica-se a França, personificação analogá a que se dá com a Inglaterra, *John Bull*, com a Alemanha, *Der deutsche Michel*, etc. A personificação de Portugal é *Zé povinho*, a qual tem sido muitas vezes objecto da litteratura e da arte, com especialidade no jornal o *Antonio Maria* do sr. Bordallo Pinheiro.

Pg. 29, n.º 100. — Uns povos caracterisã a outros por certas palavras, por assim dizer, typicas: assim nós chamamos aos inglezes *beefs*, aos hispanhoes *carágos*, etc. Este factó prestava-se a largas considerações, que omito por brevidade.

Pg. 37, n.º 1. — Como os francezes, a respeito de Paris, nós os portuguezes dizemos:

*Não ha terra como a minha
No reino de Portugal.*

Pg. 39, n.º 6. — Cf. a phrase: *Fóra da Igreja não ha salvação.*

Pg. 42, n.º 24. — Diz-se em Portugal: *deixar zoar a carvalheira*, como para significar: *não fazer caso.*

Pg. 42, n.º 27. — Cf., em sentido analogo:

*Quem burro vae a Santarem,
Burro vae e burro vem.*

Pg. 44, n.º 34. — Diz-se em Portugal no mesmo sentido: *são as obras de Maфра.*

Pg. 47, n.º 52. — Em Portugal: *ir bugiar.*

Pg. 65, n.º 11. — Em certas terras do nosso paiz o factó de se ouvirem os sinos de outras indica chuva.

Pg. 73, n.º 1. — Em Portugal:

*De Hispanha
Nem bom vento,
Nem bom casamento.*

O dictado do Forez *De l'Auvergne ne vient ni bon vin, ni bon vent, ni bon argent, ni bonnes gens* mostra que o nosso é o echo de uma tradição espalhada e não a expressão de um factó particular. O mesmo raciocinio se applica ao de França. — Cf. pg. 332, n.º 1 (Inglaterra).

Pg. 80, n.º 28. — Cf. a acção do celebre Erostrato a respeito do templo de Diana, que elle queimou para se immortalisar.

Pg. 80, n.º 30. — Cf. em port. *justiça de Fafe.*

Pg. 92, n.º 25. — Ha em Portugal dictos no mesmo gôsto.

Pg. 120, n.º 15. — Em port. diz-se *isto é grego*, phrase que se encontra já, se bem me recordo, na Edade-média.

Pg. 144, n.º 14. — Ha em Portugal contos analogos. Cf. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §. 268-b.

Pg. 167, n.º 18. — Dizia-se d'antes em Portugal:

*Quem passar o cabo de Não,
Ou voltará ou não.*

Pg. 171, n.º 33. — Tenho ouvido contos analogos. Diz-se por ex. que um habitante da Mófréita (Tras-os-Montes) semeára uma vez pregos para os ver reproduzir.

Pg. 171, n.º 34. — Ha reflexos d'esta tradição em contos portuguezes.
Pg. 201, n.º 42. — Dizia-se em França (Hérault):

Lous mange-tripos de Loudebo;

como se vê, a designação de *tripeiros* dada aos portuenses não é original, nem tem nada com a aventura historica que se dá vulgarmente como explicação. Um dicto analogo corre em Armagnac, segundo os *Contes et proverbes pop.* de Bladé, Paris 1867, pg. 75:

*Massenbés
Tripassés.*

A origem do termo *tripeiros* é clarissima: no Porto comem-se muitas tripas. Como o artigo que estou escrevendo vae para fóra do Porto e para o estrangeiro, direi mais que nesta cidade, em certos dias da semana, Terças, Quintas e Sabbados, se põem taboletas com este distico ás portas das tascas: *hoje ha tripas*. Se o Porto está assim, por dentro e por fóra, identificado com as tripas, como é que ainda alguém tem duvida na explicação do vocabulo?

Pg. 214, n.º 14. — Diz-se, com uma fórmula egual:

*Cuco
Pequeno corpo,
Grande apupo.*

Pg. 350, n.º 6. — Cf. a *fé punica* dos antigos.

Vejão agora os meus patricios como a França tracta Portugal:

— *L'Italian est dans la rue, l'Espagnol au balcon, le Portugais chez lui, comme le Turc.*

— *La bête sur l'animal,
La monture de Portugal.* 1

— *Afourtunat coumo un Portugalés.* (Pg. 374-375).

Em vista d'isto, não temos muito que lhe agradecer: mas nós tambem a não tractamos melhor nos nossos dictados, porque na linguagem vulgar a palavra *francês* significa *patife*. É curioso que, como se mostra neste livro a pg. 20, a mesma opinião tenham outras nações. — O dicto portuguez *despedir-se á francesa* tambem não é original, como se vê a pg. 15.

1 Colhi em Agosto de 1884, em Tras-os-Montes (c. de Bragança) a fórmula portuguesa d'este proverbio que se diz quando se vê um cavalleiro de quem se quer zombar:

*Um burro sobre um anima !
Á maneira de Portugal.*

Se nós somos os primeiros a confessar isto, não nos podemos zangar com os franceses que nos apodão do mesmo modo.



No segundo trabalho mencionão-se aquelles proverbios que, pelo seu caracter licencioso, não podião entrar numa obra de grande curso como a de que me occupei precedentemente.

Pouco tenho que dizer a respeito d'elle.

Pg. 6, n.º 8. — Já no sec. xiv, segundo um ms. de Copenhague, a syphilis se chamava *mal français* (Bordier, — *La Géographie médicale*, Paris 1884, pg. 342). No sec. xvi, o padre Francisco Delicado no *Retrato de la Lozana andaluza* (apud Theophilo Braga, — *Bibliographia critica*, pg. 401) dá-lhe, ao lado da designação de *mal de Napoles*, a de *mal francorum*, *mal de Francia*. Nós hoje chamamos-lhe, em lingoagem rasteira, *gállico*, que não é senão o lat. *gallicus*.

Pg. 15, n.º 30. — Diz-se na Bretanha: *Un bon Breton ne pisse jamais seul*; o que corresponde ao nosso dicto:

*Quando ourina um português,
Ourinão dois ou três.*

Na lingoagem recentissima de Portugal originou-se a expressão *ir a Faro* (em virtude de haver nesta cidade um curandeiro da syphilis), que até certo ponto corresponde ás que trazem MM. Gaidoz e Sébillot: *envoyer à Naples, ils vont en poste à Naples* (pg. 21).

Da leitura d'estes dois livros conclue-se que muitos dos nossos dictados topographicos não são originaes, mas apenas apropriados a certas localidades. Qual o motivo de tal apropriação? É difficil dizê-lo sempre; em todo o caso devem influir nella, já as qualidades que se reconhecem como proprias das localidades (ex. *tripeiros* do Porto), já a cacophonia dos nomes d'estas (ex. *Samardam*, povo muito apodado), já a simples rima, já os odios reciprocos, muitas vezes provenientes de emulação, e de victoria ou de derrota nesta *lucta pela existencia* em que todos nós empenhâmos.

Os trabalhos dos meus amigos Henrique Gaidoz e Paulo Sébillot são pois deveras importantes para a Ethnographia. Longe de avivarem malquerenças e suscitarem despeitos infundados, mostrão pelo contrario a generalidade das tradições. Quem déra que todas as nações fizessem trabalhos analogos! Não deixará de convir aos estudiosos a indicação de mais alguns estudos especiaes que conheço sobre o assumpto:

— *Place rhymes in Nothes on The folk-lore of the North-East of Scotland* por W. Gregor, Londres 1881, cap. xviii;

— *Proverbi topic tridentini* por N. Bolognini in *Archivio per le trad. pop.*, vol. II, pg. 432;

— *Dichos locales españoles* in *Archivio per le trad. pop.*, vol. I, pg. 584 sq.;

— *Dictados tópicos del Alto-Aragon e Una forma típica de cancion geográfica* por D. Joaquin Costa in *El Folk-lore betico-extremeño*, vol. I, pg. 184 e 268;

— *Dictados topicos de Portugal* por J. Leite de Vasconcellos, Barcellos 1882, 22 pg. Este opusculo deu logar á publicação de outros artigos sobre o assumpto in *El Folklore betico-extremeño*, pg. 60 sq., e no meu *Anuario das trad. pop.* pg. 47 sq.

— Ha além d'isto muitos materiaes avulsos, quer nas revistas ethnographicas, quer nas colleções geraes de proverbios.

Porto, 1 de Outubro de 1884.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.